BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

CÂNDIDO

N.º 9
ABRIL
2012

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

DW Ribatski

O personagem sou eu

Narrativas autobiográficas ganham cada vez mais espaço na literatura contemporânea brasileira

• Entrevista | Ignácio de Loyola Brandão • Poema | Ruy Espinheira Filho • Conto | Sérgio Tavares

EDITORIAL

De onde vem a ficção e o que há de autobiográfico nela? São questionamentos que, desde *Dom Quixote*, considerado o romance fundador da literatura moderna, em 1605, não têm resposta. Mas essas perguntas parecem cada vez mais pertinentes quando se olha em perspectiva a recente ficção brasileira, onde tem se verificado uma tendência a textos em primeira pessoa e às chamadas "narrativas do real". Em ensaio sobre o tema, o jornalista e tradutor Christian Schwartz elenca livros e escritores que se esteiaram na própria trajetória para construir obras de ficção.

A nona edição do **Cândido** traz também entrevista especial com Ignácio de Loyola Brandão. Autor de livros célebres, como *Zero*, considerado um dos mais importantes romances da literatura brasileira no século XX, Ignácio acaba de lançar *Acordei em Woodstock*, narrativa sobre uma viagem que fez aos Estados Unidos há 12 anos. Espécie de diário de viagem, a riqueza do livro se encontra nas divagações e comentários do escritor a respeito da arte do século XX, com especial destaque para o cinema, arte pela qual Ignácio é apaixonado. "Ter sido crítico e ver filmes diariamente me levou a criar todos os meus livros, todos, a partir de uma imagem. Me formei com imagens, elas até hoje me conduzem", diz o escritor.

Entre os inéditos, a edição traz dois poetas de diferentes gerações: o veterano Ruy Espinheira Filho, um dos grandes representantes da poesia lírica no país, e a jovem paulistana Mariana Ianelli. Na prosa, **Cândido** publica contos inéditos de Sérgio Tavares e Ruy Werneck de Capistrano.

Boa leitura a todos.

HUMOR

ARNALDO BRANCO

CARTAS

Li, de cabo a rabo, o **Cândido** de fevereiro. Ficou bem legal – especialmente as entrevistas com o Sérgio Sant'Anna e a Eliane Brum. Parabéns. Sensacional o conteúdo de vocês.
Roberto Dumke, via e-mail.

Parabenizo pelos poemas publicados no **Cândido**. Aproveito para sugerir um concurso de poesia organizado pela biblioteca. Podem contar comigo!
Paulo Walbach Prestes, via e-mail.

EXPEDIENTE

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

PARANÁ GOVERNO DO ESTADO Secretaria da Cultura

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior. **Redação:** Daniel Zanella, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice e Guilherme Magalhães **Fotografia:** Kraw Penas e Javã Társis. **Projeto gráfico e diagramação:** Versão Design. **Colaboradores desta edição:** Arnaldo Branco, Christian Schwartz, Diogo Salles, DW Ribatski, Fellipe Canalli, Gabriel Ferreira, Léo Gibran, Mariana Ianelli, Renato Faccini, Ruy Espinheira Filho, Rui Werneck de Capistrano, Samuel Casal e Sérgio Tavares.
Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do Cândido, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:
- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:
- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Fernando Branquinho

É difícil falar de um livro em especial. Todos os livros queridos formam, para mim, um único livro, começados e terminados uns dentro dos outros. Mas se é preciso, pesco assim a esmo o *Poesía vertical*, do argentino Roberto Juarroz. Curiosamente, trata-se de uma longa obra dividida em poemas numerados dentro de quatorze livros numerados. Juarroz é um autor brilhante, que leva consigo a verve latino americana da fabulação pelas ideias. Cada verso seu é a fundação do mundo segundo novas regras. Não são poemas para a vida, mas para reinventá-la. Foi com ele que aprendi que "a leitura do silêncio é a única durável". Só é lamentável que ainda não haja traduções no Brasil.

Márcio-André é escritor, artista sonoro e visual radicado na Espanha. Publicou *Intradoxos* e *Ensaios Radioativos*, além de outros trabalhos traduzidos para mais de dez idiomas.

Divulgação

A saga da família Buendia, contada por Gabriel García Márquez no livro *Cem anos de solidão*, me marcou quando eu tinha 16 anos de idade. Nunca me esqueci dos personagens fantásticos, das paisagens e das metáforas políticas. Até hoje, tenho na memória a última frase do livro: "As estirpes condenadas a cem anos de solidão não têm uma segunda chance sobre a terra." O Gabo me influenciou muito. E, junto com Saramago e Balzac, forma a minha tríade de autores favoritos.

Felipe Pena é doutor em Literatura pela PUC-Rio e autor de diversos livros na área do jornalismo. Também é autor do romance *O marido perfeito mora ao lado*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Divulgação

Tenho um carinho afetivo especial por *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a obra que nos insere no universo do Sítio do Pica Pau Amarelo. Fui alfabetizada com ele aos quatro anos e tenho lembranças ótimas dessa leitura: a cidade de Ponta Grossa, a escola, os livros espalhados pelo quarto. Minha mãe era daquelas bibliotecárias à moda antiga, que trazia muitos livros para casa, conhecia cada livro, cada canto da biblioteca. A minha infância toda foi marcada pela obra de Lobato, li todos os seus livros, e, quando tive meus filhos, eles também foram apresentados ao mundo de Lobato.

Zaclis Veiga é jornalista e professora universitária. É coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Vive em Curitiba (PR).

Kraw Penas

O domínio e a arrogância dos poderosos sobre os mais fracos são ricamente delineados por George Orwell em sua famosa fábula *A revolução dos bichos* (1944). Leitura surpreendente e vibrante, faz um paralelo entre a convivência e o poder opressor de animais ao regime totalitário da Rússia Soviética liderada por Joseph Stalin. O escritor, nascido na Índia, inglês por formação, não mediu esforços em evidenciar que podemos nos arriscar em mudar o tipo de sociedade, mas o homem não muda. Os animais, em luta com os homens, acabaram semelhantes na truculência e na maldade humana. Atualíssimo em sua essência.

Márcia Gatti é chefe da Divisão de Periódicos da Biblioteca Pública do Paraná. Vive em Curitiba (PR).

CURTAS DA BPP

Um Escritor na Biblioteca

Divulgação

Joca Reiners Terron é o convidado do próximo encontro do projeto "Um Escritor na Biblioteca", que acontece no dia 24 de abril, às 19h, no Auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná. Terron nasceu em Cuiabá, mas vive em São Paulo. Foi editor da Ciência do Acidente, pela qual publicou o romance *Não há nada lá* e o livro de poemas *Animal anônimo*. Também é autor de *Do fundo do poço se vê a lua*, vencedor, em 2011, do prêmio Machado de Assis na categoria melhor romance. Até novembro, outros sete escritores vão participar do projeto, entre eles João Gilberto Noll, Rubens Figueiredo e Luiz Vilela. O próximo encontro será em 15 de maio, com Domingos Pellegrini. Todos os encontros tem entrada franca.

Oficina de História em Quadrinhos

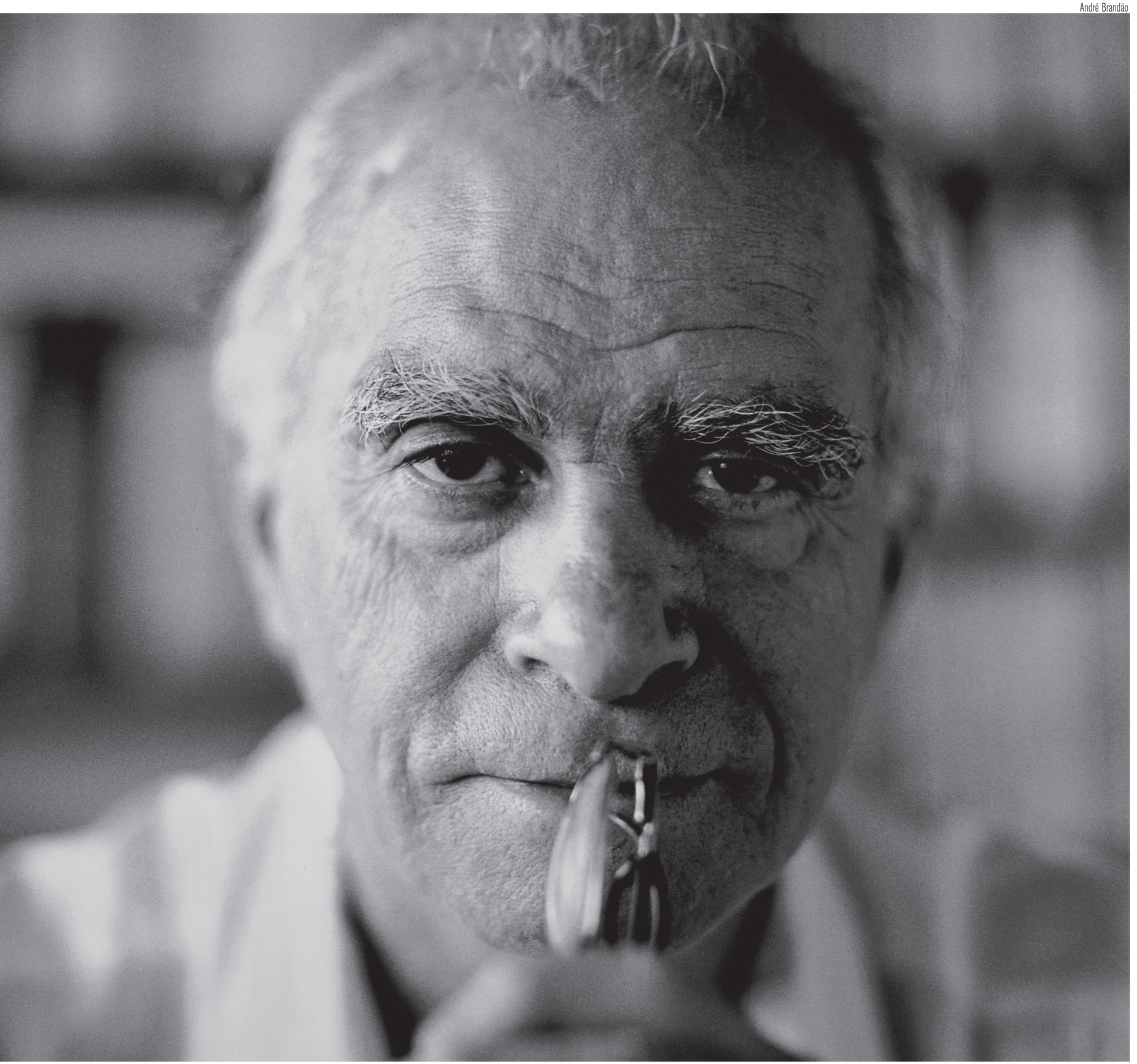
A partir do dia 14 de abril, a BPP promove a oficina de "História em Quadrinhos" com o arte-educador, cartunista e designer Rodrigo Gusmão Belato. Voltada para crianças, jovens e adultos que estejam interessados na diversidade de traços e estilos do ofício do cartunista, a oficina busca aproximar o aluno da linguagem e dos conceitos utilizados na produção de revistas em quadrinhos, *fanzines,* tiras e charges para jornais. As vagas são limitadas e as inscrições podem ser realizadas, gratuitamente, na Seção Infantil da BPP ou pelo telefone 3221-4980. A oficina acontece sempre aos sábados, das 10h às 12h.

BPP tem grupo de contação de histórias

Com o objetivo de expandir o bem-sucedido projeto "Hora do Conto", promovido pela Seção Infantil diariamente, a Biblioteca Pública do Paraná criou o Grupo de Contação de Histórias "Era Uma Vez". A trupe vai levar a contação de histórias para fora da BPP, atendendo escolas e outras instituições de Curitiba e Região Metropolitana. Para agendar uma visita do Grupo, basta contatar a Seção Infantil no telefone (41) 3221-4980.

ENTREVISTA| IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

André Brandão



Escritor com alma de cineasta

Um dos maiores nomes da literatura contemporânea, Ignácio de Loyola Brandão fala sobre sua extensa obra e declara seu amor ao cinema, um dos temas de seu mais recente livro, *Acordei em Woodstock*

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Ignácio de Loyola Brandão já escreveu mais de 40 livros, em quase todos os gêneros literários, ganhou diversos prêmios e é autor de *Zero*, um dos principais romances brasileiros do século XX. O que, pelo menos para o escritor, não foi suficiente para lhe abrandar uma frustração: a de não ter sido cineasta. Mas como pode um escritor tão bem-sucedido reclamar da própria sorte? "A gente deve sempre levar alguma [frustração], para colocar lá na frente como um projeto que nos faça caminhar", explica Ignácio, que, na sétima arte, foi mais do que um cinéfilo disciplinado (assistiu mais de cem vezes a *8½*, a obra-prima de Federico Fellini). Entre seus feitos no cinema, consta uma participação, como figurante, em *O pagador de promessas*, filme de Anselmo Duarte que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1962. "Sou um figurante Palma de Ouro", diz.

Várias das histórias do cinéfilo Ignácio de Loyola Brandão são contadas em *Acordei em Woodstock*, relato sobre uma viagem feita aos Estados Unidos pelo escritor, sua mulher Márcia e um casal de primos, entre 23 de setembro e 07 de outubro de 2000. "Relato" é apenas um eufemismo pobre para definir um livro que também leva o DNA da crônica, dos livros de memória e, até, de crítica cultural. A viagem é literal, claro, mas na garupa Ignácio embarca seu conhecimento quase enciclopédico sobre livros, escritores, atores e atrizes, obras de arte e, claro, filmes, muitos filmes e diretores. O roteiro de viagem é interessante, leva o leitor a lugares como Cornish, o esconderijo de J. D. Salinger no interior dos Estados Unidos, mas é quando Ignácio sai da trilha que o leitor começa a viajar de verdade.

Entre um café e outro em alguma lanchonete de beira de estrada, o escritor dá uma pausa na narrativa de viagem para falar de grandes escritores como F. S. Fitzgerald e William Faulkner, diretores como Billy Wilder e John Ford, e musas como Greta Garbo. Sim, o livro é uma declaração de amor à cultura americana, que desde muito cedo fez parte da formação do escritor. "Cresci depois da Guerra, quando os americanos intensificaram sua 'invasão' no mundo." Nesta entrevista, o escritor fala sobre essa paixão, mas também sobre sua vasta e rica obra literária que, apesar da modéstia em demasia do autor, já está marcada a ferro quente em nossa literatura.

> "Ter sido crítico e ver filmes diariamente me levou a criar todos os meus livros, todos, a partir de uma imagem."

Ao longo da narrativa de *Acordei em Woodstock*, há espaço para comentários a respeito de filmes, livros e personagens da cultura americana, todas feitas com riqueza de detalhes e de uma forma bastante apaixonada. O livro também é uma espécie de declaração de amor à cultura americana?

Cresci depois da [Segunda] Guerra, quando os americanos intensificaram sua "invasão" no mundo. Via filmes americanos, seriados americanos, estudávamos inglês no ginásio e no científico, líamos Hemingway, Faulkner, John Dos Passos, líamos os gibis americanos. Na verdade, eles solaparam a cultura francesa que recebemos com o estudo da língua — falo francês até hoje, o francês que aprendi no começo do ginásio. As mulheres gostosas que víamos nas revistas eram as *pin-ups* americanas. Mas havia algo naquilo tudo que nos incomodava, apesar de gostarmos. Não sabíamos o que era, tanto que, quando chegou a *Nouvelle Vague* francesa, caímos de amores por ela e pela divina Jean Seberg. Também caímos nos braços do neo-realismo italiano. Então soubemos que o *fake* americano nos incomodava, ainda que por lá houvesse grandes cineastas, autores, pintores, poetas. Finalmente entre os 20 e os 30 fomos decididamente anti-imperialistas. No fundo, sou produto de um caldo, de um minestrone.

> "*Zero* é um livro solitário."

Você tece comentários sobre várias obras, de *Moby Dick* a *O apanhador no campo de centeio*. Mas fala pouco de seus próprios livros — consigo lembrar apenas de algum comentário a respeito de *Zero*. Pretende um dia repassar sua obra e sua vida de escritor em um livro de memórias?

Depende muito. Na segunda edição de *Depois do Sol*, após 40 anos, fiz algo que adorei fazer: dezenas de páginas de *making-of*. Quando saiu a edição especial

ENTREVISTA| IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

de 35 anos do *Zero,* acrescentei 100 páginas de *making of,* porque este livro acabou sendo emblemático para uma geração. Quando *Não verás país nenhum* completou 30 anos, acrescentei um caderno com *making-of*. Prefiro fazer essas coisas a me voltar para meus próprios livros. Isto é função de algum crítico, ensaísta ou teórico, não do próprio autor. Penso eu. Mas, no fundo, gostaria de publicar um livro mostrando as 700 anotações que fiz para *Não verás país nenhum.* Seria quase uma edição particular.

Em um dos trechos do relato, você fala de sua "quase" passagem por Cornish, a cidade que J. D. Salinger escolheu para se esconder do mundo nos anos 1950. Salinger foi uma referência para você?
Em termos. Gostei apenas de *O apanhador no campo de centeio*, lido há décadas. Nunca mais reli, nem tive vontade. Não foi o livro que realmente me deu um soco na barriga. O que me interessava mais era a construção do mito do escritor refugiado e solitário que ele construiu. Fiquei fascinado com o mistério: por que ele fez isso?

> "Gostaria de ter sido diretor de cinema. É uma frustração que carrego."

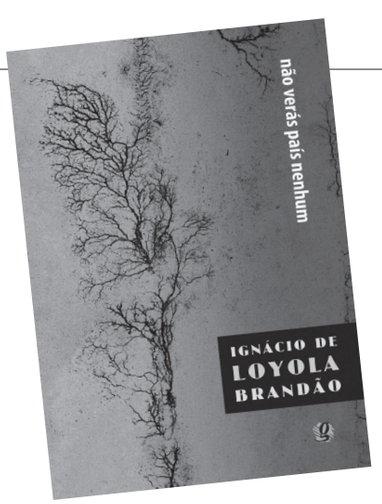
No início de sua carreira jornalística, você foi crítico de cinema em sua cidade, Araraquara (estreando aos 16 anos), foi figurante em *O pagador de promessas*, o clássico de Anselmo Duarte, e teve algumas de suas obras adaptadas ao cinema. Ainda mantém uma relação íntima com a sétima arte?
Ter sido crítico e ver filmes diariamente me levou a criar todos os meus livros, todos, a partir de uma imagem. Me formei com imagens, elas até hoje me conduzem. Gostaria de ter sido diretor de cinema. É uma frustração que carrego, mas a gente deve sempre levar alguma, para colocar lá na frente como um projeto que nos faça caminhar. Vejo cinema até hoje, tenho uma coleção de DVDs. Tem filme que vejo e revejo. Todos sabem que já assisti a *8½*, de [Federico] Fellini, mais de 100 vezes. Já contei como a estrutura desse filme influenciou a do *Zero*, com seus vários planos. Quando Fellini morreu, fiquei de luto. Mas claro que a liberdade de câmera e narração de Godard em *Acossado* também foi essencial. Ter sido figurante foi uma brincadeira de Anselmo Duarte, que foi um de meus grandes amigos. Estava na Bahia fazendo uma reportagem sobre a filmagem — fiquei 30 dias lá — e um dia ele me colocou em cena. Sou um figurante Palma de Ouro e aquela foto saiu na capa do programa de Cannes...

Além de ter trabalhado no *Última Hora,* o jornal de Samuel Wainer, e na revista *Realidade*, você dirigiu por mais de uma década a revista *Vogue*. Mas em *Acordei em Woodstock* você se diz hoje pouco interessado no jornalismo. Por quê?
Porque 50 anos de redação são suficientes. Vivi diversas épocas, da linotipia e clichê de zinco, passando pelos fotolitos, até os computadores, *iPad*, *ebook*, etc. Há uma certa desilusão com a imprensa. Nos anos finais de *Vogue*, me especializei em entrevistar mulheres interessantes e inteligentes que desvendavam dois mundos: aqueles em que viveram quando jovens e o de hoje. Gente como Marina Colasanti e Ira Etz, Maria Teresa Goulart, a modelo Dalma Callado, e dezenas de outras que restauravam um modo de vida glamoroso que desapareceu. Até gostaria de publicar essas matérias em livro. Mas a relação com a *Vogue* é complicada, os direitos são deles. Foi um alívio deixar a redação, os prazos de fechamento, as noites passadas em claro, as cobranças de colaboradores, etc. Também, cá entre nós, fui um jornalista apenas mediano a vida inteira. Ainda que tenha gostado, por exemplo, de ter implantado a revista *Planeta*, nos anos 1970, algo completamente fora da caixinha, que mexeu com as cabeças ao falar do poder da mente, civilizações desaparecidas, universos paralelos, mistério do além, mundos primitivos. Fui dos primeiros a noticiar que Hilda Hilst tentava ouvir as vozes dos mortos.

Além dessa "pegada" opinativa, *Acordei em Woodstock* também funciona como relato de viagem e livro de memórias, ou "quase memória", conforme você escreve na introdução, citando o romance de Carlos Heitor Cony. Foi seu objetivo fazer um livro que pudesse ser lido de diversas formas? Ou seja, essa profusão de gêneros foi premeditada ou simplesmente aconteceu a partir do processo de escrita?
Sempre levo comigo um caderno — ou compro no local. Em Paris uso os *Claire Fontaine*, que são os dos estudantes franceses... para dar cor local... — e faço anotações. Quase diário, onde anoto inclusive o que gasto, os preços das coisas, certas

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO ESSENCIAL

Retrato ácido dos anos 1960, *Bebel que a cidade comeu* conta a história de uma atriz famosa, um dos rostos mais conhecidos do país e uma das mulheres mais desejadas de seu tempo.



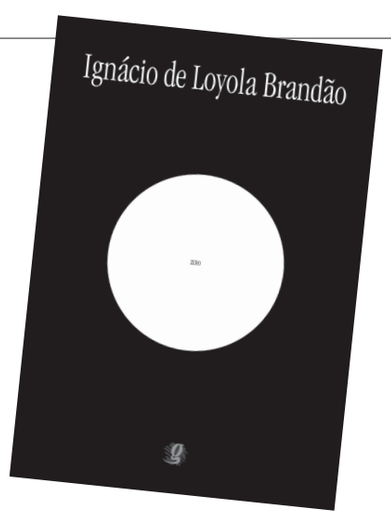
Em uma caótica São Paulo, Souza, morador de um velho edifício no centro, depara-se com uma situação inusitada: um furo na mão. Este é o mote para *Não verás país nenhum*, a busca por respostas em uma metrópole congestionada e confusa.

> “Talvez eu não seja um grande escritor. Mas sou um escritor.”

Uma das fotos de Ignácio nos Estados Unidos, viagem que originou o livro *Acordei em Woodstock*.

situações, etc. Recolho ingressos, guardanapos, cardápios, notas de almoços ou jantares, arranco rótulos de vinhos, pego cartões, folhas de árvores de lugares que me marcaram, compro postais, mas não vistas e sim coisas inusitadas. Na volta, escrevo para mim um relato. Woodstock estava pronto e nos dez anos que se passaram entre a viagem e a publicação, fui mexendo, à medida que me vinham lembranças, pessoas, fatos. A certa altura, vi que queria mesmo um livro inclassificável, que pudesse ser lido, como você disse, de diversas formas. Há, inclusive, um quase conto infantil dentro. O dos meninos brincando de *Moby Dick* no quintal de minha casa. O livro estava pronto quando recuperei a história do gerente da Via Veneto, um personagem que me impressionou na época. Há nisso aquela minha vontade secreta de ter sido um personagem semelhante, aventureiro, audacioso, galante (como se dizia), que está em tudo, conhece todos, vive por prazer e também fez alguma coisa pela humanidade. Minha utopia pessoal, que se confronta, dia a dia, com o cotidiano banal de enfrentar a vida para sobreviver. Lembrar que eu era um provinciano, fazia pouco que tinha saído de Araraquara e estava em Roma, um dos centros do mundo. Daí aquele último segmento, depois que tinha acabado o livro. Mas talvez eu não tenha acabado *Woodstock*. Há nele literatura, memória, jornalismo.

Você é um dos escritores mais prolíficos da literatura brasileira, escrevendo em quase todos os gêneros literários, do conto à literatura infantojuvenil. Como funciona esse processo de escrita? Há compartimentos para cada gênero em seu repertório de escritor? Quando sente que uma ideia é mais apropriada para um conto ou romance, por exemplo?



Eleito, no final de 2000, um dos 100 melhores romances do século passado pelo jornal O Globo e a revista Manchete, *Zero* é um livro único pelo arrojo, estrutura e história. O romance foi censurado no Brasil e publicado primeiramente na Itália.

Uma das obras mais arrojadas de Brandão, *Dentes ao sol* se passa numa cidade interiorana com um personagem-narrador em constante luta consigo mesmo. Referências cinematográficas, tigres e piscinas carnívoras compõem o enredo.

ENTREVISTA| IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

“Já assisti a *8½*, de Fellini, mais de 100 vezes.”

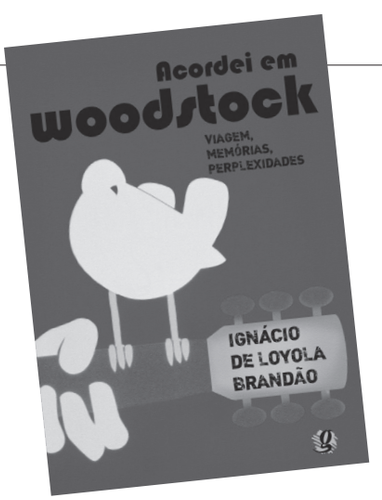
Leo Gilson Ribeiro, um bom crítico que já morreu, um dia sentou-se ao meu lado, fomos amigos, trabalhamos na Abril juntos, certa época e me disse: “Vou te dar um conselho. Você escreve demais. Tire o pé do acelerador. Os grandes escritores são os que escrevem pouco, são parcimoniosos. Veja o Raduan Nassar:” Raduan sempre foi celebrado por seus escassos livros. O meu “problema” talvez seja a compulsão. Escrevo, tenho de escrever, é o que me dá vida. Talvez eu não seja um grande escritor. Mas sou um escritor. Não estou aqui para disputar corridas de Fórmula 1. Mas dou alguma contribuição no meio de campo, fazendo alguns lançamentos para o pessoal da área. De qualquer forma, sinto que tenho dois marcos: *Zero* e *Não verás país nenhum*. São aquilo que em golfe se chama *longest drive*. Acertar o buraco 18 numa tacada só, de longuíssima distância. Não, não jogo golfe, mas sei certas coisas inúteis. Nunca sei se a situação será conto ou romance. Sei quando é crônica. Isso tenho certeza. E quando sei, sento e escrevo e guardo, depois trabalho e retrabalho. *Pega ele silêncio* seria um romance, que virou conto. *Bebel que a cidade comeu* seria um conto, que virou romance. *Não verás país nenhum* começou como um conto, *O homem do furo na mão*, e se transformou em um romance. Às vezes, sei que é um conto, a situação tem fôlego curto. Aliás, faz muitíssimo tempo que não escrevo um conto.

Recentemente você escreveu sobre a ex-primeira-dama Ruth Cardoso. Aliás, assim como este perfil, você já escreveu vários livros por encomenda. Muitos escritores torcem o nariz para esse tipo de trabalho. Faria algo semelhante com livros de ficção, como costuma fazer Luis Fernando Verissimo?
Torcem o nariz porque a palavra “encomenda” fere o ideal puro. Aceitei a biografia da Ruth, assim como aceitei a de Olavo Setubal, para buscar saber de que estofo são feitas essas pessoas especiais. Você pode não concordar com a vida de Setubal, mas não pode dizer que ele não foi um empreendedor, um *case* sobre a empresa privada, os bancos. Os bancos são fascinantes, como são construídos e como agem. De que matéria uma pessoa assim é feita? Como são moldados? Gosto de pessoas determinadas. São personagens. Quanto a Ruth, fiz pela admiração. Fiz porque ela é araraquarense e a mãe dela me deu aulas. Fiz porque foi a primeira e última primeira-dama deste país que criou verdadeiramente o conceito de primeira-dama, a serviço de um povo. Ela respondeu a uma pergunta até então sem resposta: para que serve uma primeira-dama? O que ela fez, Lula e o PT destruíram em seguida. Foi uma mulher que revolucionou o ensino da antropologia. Aceito histórias de empresas quando seus pioneiros e líderes são excepcionais e trouxeram algo de novo e de excitante. Quando um dia escreverem a história da empresa privada no Brasil, vão ter de recorrer aos quase 30 livros que escrevi nesse segmento. Outra coisa, a DBA, editora paulista, ao convidar escritores para escreverem tais livros, mudou o panorama. Antes esses livros eram chapa branca, escritos por um funcionário do *marketing* da empresa. Hoje são romancistas que dão charme e sabor a esses livros, tirando-lhes o cheiro de *coffee table book*. Quanto à ficção, não escrevo sob encomenda. Essa me vem do coração.

Um de seus livros mais célebres, *Não verás país nenhum*, fez 30 anos em 2011. Em se tratando de uma distopia, qual a sua percepção hoje do romance? Muitos problemas detectados ali se acentuaram nas últimas décadas, como a questão ambiental, não?
Apanhe *Não verás país nenhum* e veja como tudo aconteceu. Violência, congestionamentos, meio ambiente destruído, demagogia sobre sustentabilidade. Quantos dizem hoje que o grande problema do futuro será a água e não o combustível? *Não verás*... já disse. Havia uma dedicatória que eu sempre escrevia: “Tomara que tal futuro nunca aconteça”. Já aconteceu. Governo e meio ambiente? Serve-se aos interesses de corporações, com esses políticos podres. Por outro lado, sinto em certas empresas uma preocupação e uma tentativa séria de tentar dar um freio à loucura.

Apesar de *Não verás país nenhum* se ater mais à questão ambiental, o romance é comumente associado a *1984*, de George Orwell. O clássico de Orwell lhe influenciou de alguma maneira?
Li o livro do Orwell. Mas o dele fala de uma super civilização, o meu de uma sub civilização, do lúmpen. Li também *Admirável mundo novo*, de Huxley. Há inspirações que despontam ao longo do tempo e afetam certas cabeças.
***Zero*, após várias décadas, continua sendo seu livro mais comentado e discutido. Além de ser um dos maiores ro-**

Coletânea de 24 contos produzidos durante o regime militar e publicados em grandes jornais, *Cadeiras proibidas* é um panorama urbano repleto de pessoas comuns em situações contraditórias.



Acordei em Woodstock relata a passagem do autor pelo interior dos Estados Unidos. Ao longo da narrativa, o escritor tece seu conhecimento enciclopédico sobre a cultura americana, principalmente o cinema.

> “Gostaria de publicar um livro mostrando as 700 anotações que fiz para o *Não verás país nenhum*. Seria quase uma edição particular.”

mances da literatura brasileira no século XX, o livro tem uma trajetória interessante: surgiu a partir de um conto, foi publicado primeiramente na Itália, foi censurado no Brasil e, finalmente, ganhou vários prêmios. Onde reside a força do livro, em sua opinião?
Não sou teórico, não sou aquele que pode olhar esse livro de fora. Quem sabe tenha sido a raiva com que escrevi e que era a raiva, o desespero e o medo que havia dentro de todos nós? Quem sabe foi a coragem de fazer um romance não convencional, com uma estrutura que ninguém tinha tentado até então, e que nunca foi imitada, copiada, nunca fez escola. *Zero* é um livro solitário.

Quase tudo em *Zero* foge do convencional — a história, a diagramação, a narrativa fragmentada, o uso de onomatopeias, etc. Acha que depois das vanguardas e de tantas experimentações, ficou mais difícil ser inovador na literatura?
Sempre me pergunto: será que é preciso inovar sempre, sempre? Não se pode escrever um livro, pintar um quadro, fazer um filme? Simplesmente. Muitas vezes estamos inovando sem saber, fazendo uma cosia que é necessária e vem do fundo. E há tanta inovação falsa, para chocar, chamar a atenção.

Em *Acordei em Woodstock* você escreve sobre uma viagem feita com outros escritores veteranos, como Verissimo e Rubem Fonseca, e jovens, como Daniel Galera e André Sant’Anna. Você acompanha a cena literária brasileira? Lê os jovens que estão iniciando?
Gosto de Cristovão Tezza, Luiz Ruffato, Ivana Arruda Leite, Marcelo Ferroni, Michel Laub, Eliane Brum, Tatiana Salem Levy e a Adriana Lisboa. Outro escritor que admiro e tem feito carreira segura é o João Almino. Não é tão novo, mas é bom.

Em um trecho de *Acordei em Woodstock* você escreve que “todos nós, escritores, gostaríamos de ter uma obra que sobrevivesse, objeto de análises, questionamentos, pesquisas, enfim, permanecesse”. No final das contas, todo escritor quer se tornar imortal por meio de sua obra?
Os livros seriam uma (tênue) possibilidade de não morrermos. Mas podemos desaparecer e voltar, sofrermos um *revival*. Há tantos casos. Scott Fitzgerald, quando morreu, já era dado como morto aos 44 anos. Esquecido. Hoje ele é lido, vendido e tido como um dos maiores de todos os tempos na América. Este ofício é complicado, mas temos de exercê-lo com sinceridade, fogo e lança na mão. ■

> “Este ofício é complicado, mas temos de exercê-lo com sinceridade, fogo e lança na mão.”

Arquivo pessoal

Ignácio (o primeiro à direita) na Fontana Di Trevi, em Roma, em 1963.

OFICINA | REPORTAGEM

A mulher que não gosta de lembrar da felicidade

Célia vende coquinhos do céu no centro de Curitiba, mas o paraíso já não mora nela

Ilustração: Diogo **Salles**

GABRIEL FERREIRA

Célia é uma mulher que tem dificuldade para lembrar datas. Não sabe há quanto tempo trabalha na rua. "Tem muitos anos, já", é o máximo de precisão que consegue atingir. Também tem muito tempo que trabalha para a mesma patroa, uma cearense que prepara os doces que Célia vende no cruzamento da Avenida Marechal Floriano com a Rua XV de Novembro, duas das vias mais movimentadas do centro de Curitiba. Só não precisa de muito esforço para encontrar no tempo a distância de um único evento — e logo o mais triste de sua vida. "Minha mãe morreu tem três anos, já", diz. E quando fala, mantém o olhar distante, como se estivesse cravado em alguma imagem mais velha do que a morte da mãe. Célia não gosta de falar disso. Não gosta e muda de assunto.

Quem ouve Célia falando pode até pensar que ela é a relações públicas da cidade, tamanha a propaganda que faz do lugar onde nasceu. Seu assunto favorito são as luzes de Natal que enfeitam a região em que trabalha. "Isso aqui fica uma beleza." Aproveita para intimar o interlocutor a comparecer ao coral de crianças que, a cada Natal, canta ali perto, na sacada do Palácio Avenida. Dentro de si, porém, as atrações natalinas não são das mais bonitas. "Nessa época a gente lembra muita coisa, né? Às vezes é difícil." Fala com o olhar de novo perdido.

Quem passa com frequência pela região em que Célia trabalha já deve ter visto uma mulher negra, de meia idade, cabelos curtos, boné e avental azuis que vende coquinho do céu, maçã do amor e tapioca. Célia é essa mulher de azul. Quem para em sua barraca quase nunca sai sem um doce na mão e um sorriso. "Acho engraçado o nome coquinho do céu", diz Célia. "Mas tem esse nome porque, quando a gente come um, é lá que a gente se sente."

Célia come pouco dos doces que vende e é raro ela se sentir no céu. Em parte porque não tem tempo para isso. Trabalha todos os dias — inclusive feriados, domingos e dias santos — das 9 da manhã às 7 da noite. Quando chega em casa, assim como muitas outras mulheres brasileiras, tem mais trabalho esperando. O marido não é daqueles que dividem as tarefas do lar. Por isso cabe a Célia, sozinha, deixar a casa em ordem. "Tenho que cuidar das coisas lá, né?"

Quando termina suas tarefas diárias, Célia se distrai em frente à televisão. Hoje, essa é sua rotina: trabalho, trabalho, TV. Gosta das novelas — mas preferia as que passavam quando era mais moça. Naquela época, pelo que lembra, as histórias ainda não eram sempre as mesmas. Também assiste ao telejornal. Construiu com Fátima Bernardes uma relação de quase intimidade — a mesma que tem com as atrizes bonitas das novelas — e ficou triste quando soube que Fátima não ficaria mais na bancada do telejornal de maior audiência do país. "A gente já estava tão acostumado a ver ela e o William juntos. Não vai ser a mesma coisa com essa Patrícia." Célia ganha ares de especialista ao fazer a afirmação. Deixa bem claro que "essa Patrícia" não está na sua lista de apresentadoras preferidas. Torce para que Fátima seja feliz em seu novo programa, mesmo sem saber ao certo o que será essa nova atração — ou explicar o que entende por felicidade.

Célia gosta de assistir à vida dos outros. Se interessa pela vida dos artistas, mais até do que pela sua própria. Mas ela não é a única que não dá muita atenção à sua existência. Não são poucas as vezes em que Célia sequer é notada por quem passa diante dela. Mesmo alguns dos que atravessam todos os dias o cruzamento em que fica a barraquinha de Célia se dão ao trabalho de olhar um instante para o lado e notar sua presença. E não é porque estão sempre com pressa. Muito menos porque ela fica escondida atrás de sua barraca.

Na verdade, ela se mexe o tempo todo. Arrumando e desarrumando as coisas para poder arrumar mais uma vez. Quando já não há mais sacolinhas para dobrar ou colherzinhas para ajeitar na caixa, Célia muda o guarda-sol de lugar ou começa a picar os morangos da tapioca. Se tudo já estiver feito, começa de novo. Quase nunca está parada e, mesmo assim, quase nunca é vista. Trabalha no mesmo lugar há tantos anos que nem se lembra e, ainda assim, quase nunca é lembrada.

Célia já faz parte da paisagem do centro de Curitiba, tanto quanto os jovens bonitos, com jeito de modelo, que circulam por lá com suas pranchetas e catálogos, sempre prontos para vender chips de celular, inscrições para o vestibular ou o sonho de sucesso na carreira de modelo — sonho este que nem eles conseguiram ainda concretizar. Célia nunca reparou nesses jovens que andam por lá, e eles não reparam nelas. É uma gente que só se torna visível — mesmo que por pouco tempo — quando alguém quer um doce ou trocar de operadora de telefone.

Fazer parte desse grupo de invisíveis não é bem um problema para Célia. Mas ela sente saudades do tempo em que era feliz. Tanta saudade que chega a doer e a tornar a lembrança da felicidade uma coisa triste. Célia era feliz ao lado da mãe. Era feliz quando tinha muito amor e carinho. Amor e carinho que recebia e que dava. Falar desse assunto com Célia, porém, quase nunca renderá mais do que poucos segundos de conversa. Ela logo dá um jeito de cortar a história e voltar a cortar seus morangos. "Não gosto de falar dessas coisas. Falar de felicidade me faz lembrar quando eu era feliz."

Enquanto pica os morangos, seus olhos se distanciam, cravados em alguma lembrança que ela não quer compartilhar. Nessa hora, não adianta falar mais nada. Célia não responderá. Seja porque está fazendo seu passado tão presente dentro de sua cabeça, que não é capaz de enxergar o presente que existe do lado de fora, seja porque ela não quer responder. Quando muito, faz um gesto qualquer com as mãos. Mesmo que o movimento em si não tenha nenhum significado muito bem definido, não é difícil perceber que, na linguagem de Célia, aquele é um aviso para mudar de assunto.

Quando a mãe morreu, Célia soube que tinha perdido muito mais do que uma mãe. Na verdade, tinha perdido bastante do que carregava dentro de si. Foi uma doença que levou a mãe de Célia. Ela não gosta de entrar em detalhes, explicar como aconteceu. A única coisa que não esconde sobre o acontecido é que ele teve o poder de levar aquilo que Célia entendia como felicidade.

Sem estar ao lado da mãe, Célia não é uma mulher feliz e já se deu conta disso há algum tempo. Tanto sabe de sua infelicidade que quase nunca sorri. Quando faz, é mais por simpatia do que por alegria. É agradável com os clientes e até responde com prazer a quem gosta de puxar um papo. Conversa com os garis e com os seguranças da rua. Alguns fregueses parecem até amigos e sentem sua falta quando, por algum motivo qualquer, ela não está por lá. Nesses raros momentos em que é vista e se vê, ela até se dá um breve direito de sorrir. Não chega a ser um sorriso completo, porque os olhos não acompanham a boca e permanecem tão tristes quanto antes. Mas é um sorriso — algo capaz de levar a felicidade a outras pessoas. Tanto quanto um coquinho do céu. ■

Gabriel Ferreira tem 23 anos e é jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo. Gabriel participou da Oficina BPP de Criação Literária – Reportagem, com Eliane Brum, que escolheu seu texto para ser publicado no **Cândido**.

CONTO | **SÉRGIO TAVARES**

SEIOS SECOS

Ilustração:
Renato **Faccini**

maldita é a fome que me pesa os olhos. e me sinto tão fraca que o esforço para deter as pálpebras me desaba de joelhos. sangro ao corte do barro seco. um sangue escuro que mosqueia a pele curtida colada nos ossos do peito pendendo os seios, agora frutas secas e corrugadas.

arrasto-me pela fornalha da casa ao meio-dia, calcinando a ferida com o vapor que emana do corpo febril. agarro o pé da mesa, me apoio. não quero que o menino me veja caída. nessas horas, o mantenho dentro do buraco onde era o antigo poço. ali o solo é mais fresco. mas temo que o cachorro, atraído pelas reverberações, traga-o junto à sua intromissão. farejando a morte que acendeu a cidade em carmesim. os três sobreviventes da ditadura do Sol.

de pé, tapo o joelho, amparando-me na parede quebradiça que esfarela as pontas dos dedos. a fome pesa, como se estivesse prenha de um animal voraz que se alimenta do vazio. sigo em passos miúdos, lentos pelas amarras do calor até a cabaça. desvendo a nossa sorte. uma mão fechada de sementes, uma tira de charque e um naco duro de pão. ainda temos provisões para afugentar os temores que me assombram desde que Nôio partiu.

lembro de seus lábios negros e rachados, sussurrando entre o crucifixo de madeira, para que eu fizesse aquilo com o seu corpo. mas eu não aguentaria, não posso. e lembrar da tentação que espreitou a resistência por tantos dias e tantas noites faz com que as pálpebras cedam. quando abro os olhos novamente, vejo o cachorro esgueirando-se pela porta.

uma vez, Nôio me falou sobre um livro sagrado e suas estórias. disse que uma passagem afirmava que nascemos do barro. aqui, o barro é o fim.

quando o Sol começou a rasgar o solo, um silêncio gradual foi se acomodando pela cidade e selando a impossibilidade do futuro. tudo se tornou abandono. à noite, ouviam-se as vozes fracas lamuriando sob chamas de velas, rumo ao longe, ao nada. os dias se tornaram plásticas reproduções do declínio. a fornalha, apenas a fornalha. e a vida secou.

abro os olhos. sinto o cheiro do menino rasgar a crosta de vapor. tento me aprumar, viro-me com o que se aproxima de um sorriso. ele rasteja, com o uso dos cotovelos, até os meus pés.

é um menino frágil que, se eu lembrasse a idade, diria que já deveria andar. no meu colo, abocanha o seio por puro desespero. sabe que o viço só durou para ele tempo suficiente para afastar a precocidade da cruz. mas deixo-o chupar a minha decadência. ele não tem culpa.

afasto-me e repouso numa esteira de palha. o cachorro se aproxima vadio e começa a lamber o sangue seco no joelho. é um animal esquelético, que apareceu fugido de uma casa morta e se arrumou à nossa realidade. não sei o que come, não sei o que bebe. vive sucumbido pelos cantos, com um palmo de língua espumenta para fora. não tem nem mesmo um nome.

lembro da vez em que Nôio amarrou um barbante no rabo do cachorro e o menino ficou eufórico quando o animal começou a girar. tentava ficar de pé, gritava e rastejava atrás do fio. o cachorro parecia que entendia seu entusiasmo e rodopiava cada vez mais rápido. eu e Nôio chorávamos de rir. foi o instante mais feliz das nossas vidas.

há algum tempo, tenho pensado em matar o cachorro. talvez seja esta a saída para os temores que acompanham a escassez das provisões. o problema é o elo tramado entre o animal e o menino. receio que ele feneça com a ausência do bicho, como sofro desde o dia em que Nôio partiu.

a fornalha sussurra pecados mascarados de conselhos. é preciso sangrar para saber ao certo onde é o corte. eu sei. e, se fosse possível ter o que o livro das estórias fabulosas promete, desejaria que Nôio não tivesse feito o que fez, quando escureceu os lábios e beijou o crucifixo. temo que logo farei, então, aquilo que me pediu que fizesse com o seu corpo.

é a maldita fome. na ditadura do Sol, não há predileções. ■

Sérgio Tavares é jornalista e autor de *Cavala*, livro de contos que venceu o Prêmio Sesc de Literatura de 2009. Vive em Niterói (RJ).

Livros itinerantes

Com o objetivo de difundir o hábito de leitura em diferentes públicos, a Biblioteca Pública do Paraná tem mais de 100 caixas-estantes circulando pelos mais diversos lugares, de clínicas de fisioterapia a presídios

FELIPE KRYMINICE

A partir de abril, uma parceria entre a Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná e a Biblioteca Pública do Paraná levará caixas-estantes a 12 unidades penais da capital. Esses espaços já contavam com um acervo local, que passa a ser enriquecido com o material enviado pela Divisão de Extensão da BPP. Serão atendidas penitenciárias, casas de custódia e instituições de assistência (patronatos). Podem participar do projeto apenados no regime fechado, semiaberto, aberto e, até mesmo, egressos.

Além de incentivar a educação por meio da leitura, o projeto trabalha no desenvolvimento intelectual do apenado. Durante o cumprimento da pena, ele pode se dedicar à leitura de contos, crônicas e clássicos da literatura nacional e estrangeira. O leitor também tem a oportunidade de produzir resenhas, breves resumos ou relatórios das leituras, conforme sua escolaridade. Essas tarefas servem para comprovar a realização das leituras. Para cada obra lida, três dias são deduzidos da pena do leitor. O cronograma prevê a leitura de, pelo menos, uma obra por mês.

"Esse projeto acaba contribuindo principalmente para a reinserção social. Além do valor da leitura em si, permite à pessoa a restituição de sua cidadania, aprimorando e desenvolvendo a educação do leitor", explica Cláudia Cristina Mueller, coordenadora de Educação a Distância e Qualificação Profissional da Secretaria de Justiça do Paraná.

Desenvolvido durante o primeiro trimestre de 2012, o projeto "Remição pela Leitura" começa a ser realizado no mês de abril e dá continuidade ao trabalho socioeducativo já realizado nas unidades penais, que conta com atividades educacionais e acompanhamento de profissionais da área de educação. A intenção é que o projeto aconteça de maneira contínua e se estenda às outras unidades penais do Estado.

A caixa-estante

Seguindo o exemplo de outras divisões de extensão de bibliotecas espalhadas pelo Brasil, que desenvolvem projetos itinerantes, como barcos-bibliotecas, para chegar a lugares isolados e comunidades rurais distantes, a Divisão de Extensão encaminha caixas-estantes para as mais diversas instituições de Curitiba e Região Metropolitana. São mais de 25 mil títulos que se revezam em aproximadamente 130 caixas, que comportam de 80 a 100 livros cada.

O projeto é desenvolvido há décadas, mas recentemente passou a ter outro foco, segundo Maria Marta Sienna, chefe

da Divisão de Extensão da BPP. "Antigamente, a procura maior era por parte de Bibliotecas e Escolas Municipais e Estaduais, que não contavam com esse tipo de material. Com o crescimento e o desenvolvimento da estrutura dessas instituições, elas passaram a ter o seu próprio acervo. Então passamos a direcionar essa iniciativa mais para empresas e outros espaços que não tinham acesso a livros."

Ainda segundo Marta, por conta dessa mudança de foco, o acervo e a composição das caixas passaram a ser repensados. Se antes o conteúdo das caixas era feito basicamente de livros didáticos, agora a maioria do material enviado é composto por obras de literatura. No acervo, encontram-se clássicos e obras de autores contemporâneos, literatura nacional e estrangeira.

Na lista de espaços que recebem o material, há desde clínicas de fisioterapia a penitenciárias. Marta acredita que o importante não é a instituição ou a sua natureza, mas sim oferecer esse serviço ao trabalhador que não tem tempo de ir à biblioteca, viabilizando o acesso a uma leitura de qualidade no seu ambiente de trabalho. Outro objetivo do projeto é servir de estímulo para que as empresas criem seus próprios acervos.

A depender de Elaine Fregonesi, a caixa-estante já deu certo. Em 2010, Elaine foi a responsável por levar o projeto para dentro da empresa de transportes em que trabalha. Desde então, o interesse dos funcionários só cresceu, fazendo com que a diretoria da empresa realizasse uma aquisição significativa de livros para a criação de um acervo local.

"Aqui na empresa, nós temos um grupo assíduo de leitores. Inclusive há funcionários que indicam alguns livros. Muitos motoristas passaram a cultivar o hábito da leitura a partir dessa iniciativa", conta Elaine.

Fotos: Kraw Penas

O motorista Luiz Haroldo Costa é um leitor assíduo da caixa-estante da sua empresa.

Um dos funcionários que fazem parte desse time de leitores é Luiz Haroldo Costa. O motorista é o leitor mais assíduo do acervo da empresa. "Já frequentava a Biblioteca Pública do Paraná há anos. Agora, com a caixa-estante aqui no ambiente de trabalho, fica bem mais prático para pegar os livros", diz Costa.

Fã de autoajuda, o motorista conta que a leitura é sua atividade preferida para preencher o tempo vago entre as viagens. Com bom humor, ele ainda brinca com sua bagagem de leituras: "Acho que nesses últimos três anos eu já li quase cem livros. Qualquer dia, de tanto ler, acabo virando escritor". ■

Uma biblioteca na sua empresa

A Biblioteca Pública do Paraná disponibiliza suas caixas-estantes por meio de um termo de compromisso entre a biblioteca e a instituição interessada. Em seguida, o material deve ser retirado na própria BPP. Qualquer funcionário pode solicitar a caixa para sua empresa ou instituição. A partir do momento da retirada, o prazo de devolução é de quatro meses. Caso haja interesse, o empréstimo pode ser renovado. Também é possível solicitar uma outra caixa-estante, com outros títulos. Os quase 100 livros abrigados na caixa são, em sua maioria, de literatura. Os responsáveis pelas instituições que participam do projeto também têm a oportunidade de indicar títulos e autores para futuras caixas-estantes. Quem quiser solicitar uma caixa-estante deve ligar para a Divisão de Extensão da BPP – (41) 3221-4986. ■

POESIA | **RUY ESPINHEIRA FILHO**

DE SÚBITO, DO NADA, UMA CARTA

Ilustrações: Léo **Gibran**

1

Sá-Carneiro disse, em carta, não incomodá-lo muito a possibilidade
de suicídio,
mas a consciência de
ter de morrer forçosamente um dia.
Seu correspondente deve ter pensado em tais palavras muitas vezes
ao escrever certos versos,
como, por exemplo
(16 anos mais tarde, com a alma já por si conturbada
de Álvaro de Campos)
alguns de *Tabacaria*,
nos quais observou que o dono da loja morreria,
como ele próprio,
um deixando a tabuleta, o outro versos,
que a certa altura também morreriam,
como morreria depois a rua onde estivera a tabuleta
e a língua em que foram escritos os versos,
e, por fim, o planeta girante em que tudo isto se deu.
Sim, tais reflexões já tumultuavam Sá-Carneiro,
mas com menos longo sofrimento,
porque logo soube livrar-se delas com
cinco frascos de arseniato de estricnina
em 26 de abril de 1916,
aos 26 anos de idade.
às 8 da noite, no Hotel Nice,
Paris. E assim
terminou o tormento do Esfinge Gorda,
como certa vez se definiu.
E que ainda mais gorda e com mais mistérios de esfinge ficou,
após a morte,
avolumando-se a ponto de mal caber no caixão,
tornando definitivamente impossível que seu enterro fosse levado sobre um burro,
como pedira num poema,
embora tivesse lembrado
(como se antevendo sua última vontade
não sendo respeitada)
que a um morto nada se recusa,
e insistindo mesmo, peremptório:
E eu quero por força ir de burro.
(Não, ninguém se moveu para encontrar um burro capaz
de tal façanha,
ainda que não ? como pedido ?
ajaezado à andaluza.
Sim, a um morto tudo pode ser
recusado.)

2

Não sei como as linhas acima se escreveram,
pois não havia pensado em nada parecido.
Pelo que recordo, pensara que estava velho,
não propriamente por me sentir assim,
mas por constatar que de então a agora
passara muito tempo.
É a lógica, bastante desagradável:
se muito tempo passou desde a nossa juventude
não há o que discutir: estamos velhos.
Quanto mais tempo, mais velhos.
Sem dúvida, o que de melhor havia no Paraíso,
antes da descoberta do fruto do bem e do mal,
era a ausência de lógica. Não houve nenhuma lógica
na Criação,
as possíveis justificativas do Criador não têm lógica.
Apenas, entediado por tamanha Eternidade,
Ele resolveu brincar de Deus. E, como não havia
nenhuma lógica em tudo isso
(pois só uma absoluta falta de lógica admitiria a criação de algo
tão tentador que poria fatalmente em risco o equilíbrio do Éden),
deu no que deu.

3

Coisas assim é que eu pensava,
quando saltou do nada a carta do poeta
para outro poeta.
Assim me tem sido a vida com frequência:
tarda (às vezes indefinidamente) no que espero
e de súbito serve
o inesperado.
Tudo bem, contando que não venha a lógica
deduzir que eu tenha *forçosamente* de estar velho
já que de então a agora muito tempo passou.
O tempo, que se oferece ironicamente em Ontem
(que já não é),
Hoje
(que acabou de ser)
e Amanhã
(que, se chegar, não chegará,
pois logo será o que acabou de ser,
o que já não é).
Enfim, envolvido em incômodos
similares aos meus,
e em linguagem bem melhor,
suspirou Ricardo Reis: ... *e quanto pouco falta*
para o fim do futuro!

4

Ah, o quanto pouco falta...
Aliás, uma característica do tempo: subtrair-se avaramente,
sobretudo quando gostaríamos que permanecesse mais....
Difícil acreditar que faz pouco,
muito pouco,
estávamos todos aqui...
E então, de súbito,
tivemos e temos que
forçosamente
morrer...

5

Bem, Sá-Carneiro resolveu tudo por conta própria,
interrompendo o que sentia como apenas cruel alongamento do tempo;
apagando os remorsos que eram como
terraços sobre o Mar,
deixando-nos as palavras com que também gostaríamos de abrir
docemente
a nossa noite:
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou. ■

Ruy Espinheira Filho é poeta, ficcionista, jornalista e ensaísta. Uma seleção de seus poemas, organizada por Sérgio Martagão Gesteira, foi publica em 2011 na coleção *Melhores poemas*, da editora Global. Vive em Salvador (BA).

Gênese autobiográfica da ficção

Ensaio do jornalista **Christian Schwartz** sobre a influência das chamadas narrativas reais na ficção brasileira

Há uma encruzilhada em que se tocam ficção e "verdade", invenção e "realidade" ou biografia, mais frequentemente autobiografia — e até o mais experiente leitor de romances não resiste a dar ali uma paradinha, pensativo, antes de seguir adiante na história. Mas, para além da curiosidade quase inata de quem lê, cristalizada na pergunta "mas isso aconteceu mesmo?", os cruzamentos entre ficção e não-ficção parecem ter se tornado, particularmente nas duas últimas décadas, o terreno artístico mais fértil no campo das letras. Estaríamos diante de uma tendência do romance contemporâneo a se basear na história (ou História) e na biografia (ou autobiografia)?

O fato ou personagem histórico, é verdade, tomaram de assalto muitos romances nacionais e estrangeiros — alguns deles de grande qualidade como ficção, pura e simplesmente. E é evidente certa obsessão de parte dos leitores — e, claro, a reboque deles, editoras e listas de *best-sellers* — por "histórias verdadeiras" ou "baseadas em fatos reais".

Ao mesmo tempo, narrativas biográficas que se apresentam como tais, ou seja, o filão da chamada "biografia romanceada", tão bem representado no Brasil por precursores como Ruy Castro e Fernando Morais, ao lado de muitos outros, também têm proporcionado um mais que farto banquete tanto para leitores quanto para editores e biógrafos. É inegável o interesse crescente por esse tipo de literatura, cada vez mais lucrativo na comparação com a ficção propriamente dita.

Por que essa preferência do público leitor pela não-ficção?

"Acredito que seja por existir uma identificação da não-ficção com a verdade, e portanto da ficção com a mentira. Isso se liga ao fenômeno do utilitarismo que se espera da leitura, ao sucesso da autoajuda. Ler não-ficção é visto como aprendizado, ler ficção como perda de tempo", observa o escritor e jornalista Sérgio Rodrigues, responsável por um dos mais influentes *blogs* de literatura do país, o *Todoprosa*, e autor de *Elza, a garota* (Nova Fronteira). Trata-se de um romance que usa a História — o episódio do assassinato de uma adolescente pela cúpula do Partido Comunista Brasileiro — para construir seu enredo. Mas Rodrigues é ardoroso defensor da ficção pela ficção: "Não acho que faça sentido usar a ficção como simples adorno de um relato não-ficcional. Por natureza, ela me parece um discurso mais forte, mais revelador e mais ousado".

Lá fora, há quem diga, a mescla de ficção e não-ficção (pendendo para esta) já seria tendência, fomentada em particular por escritores de língua inglesa e caracterizada por um recurso do qual todos eles lançam mão em doses generosas — o de contar em seus livros as próprias experiências pessoais e, assim, obter recordes de vendagem. *Best-sellers* ao redor do planeta, esses autores abusariam, segundo seus críticos, de uma estratégia comum no mundo das celebridades, no qual a invasão da privacidade é a alma do negócio. Alguns até acabam desmascarados como falsificadores da própria história — ironia, já que todo escritor, por definição, é um "falsário".

É verdade que existem afinidades entre Dave Eggers e Zadie Smith, Jonathan Safran Foer e Nick Hornby — alguns dos autores americanos e ingleses que tangenciam as próprias biografias (quando não mergulham nelas) ao criar ficção. Mas são escritores que se situam muito além dos clichês e escândalos desta nossa era do espetáculo. O fato de venderem tão bem quanto biografias e autobiografias — e há, nesse filão, material de gosto bastante duvidoso — pode até convidar a uma comparação. Má comparação, de todo modo.

Ao fundo, uma questão que parecia apaziguada (mas ainda faz o leitor de romances, teimosamente, parar na encruzilhada): a das marcas autobiográficas na ficção. Afinal, qual é o autor, na história do romance moderno, que não recorreu à própria história de vida? Faz mais de século e meio que Flaubert, a respeito de sua imortal personagem, afirmou: "Madame Bovary sou eu".

Espírito da prosa

Para a literatura brasileira, há o fato inescapável de que o romance nacional mais aclamado — e, vale lembrar, mais vendido — dos últimos anos é, conforme o próprio autor, um relato "brutalmente autobiográfico": *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, escritor que, ao mesmo tempo, já se definiu como "um autor confessional, e não autobiográfico". Exceto em *O filho eterno*.

Pensador da literatura tanto quanto romancista premiado — no meio do ano, lança um ensaio intitulado *O espírito da prosa*, que sai pela editora Civilização Brasileira, em que esmiúça essa e outras questões —, o autor catarinense refletiu sobre o tema num de vários textos que, escritos nos últimos anos, compõem o cerne do novo livro, embora totalmente reformulados e acrescidos de passagens mais pessoais (e, desta vez, verdadeiramente biográficas) sobre a formação do escritor.

"Na literatura, dada a impossibilidade essencial de autor biográfico e narrador (este entendido genericamente como qualquer conjunto de formas sintático-semânticas que criam a voz unitária de um objeto textual) serem

CAPA | LITERATURA CONFESSIONAL

as mesmas entidades, é preciso estabelecer diferenças. Ou, mais precisamente, graus de distância entre um e outro. Não é uma tarefa simples ou fácil", escreveu com didatismo o, aliás, ex-professor Tezza, em ensaio de 2008.

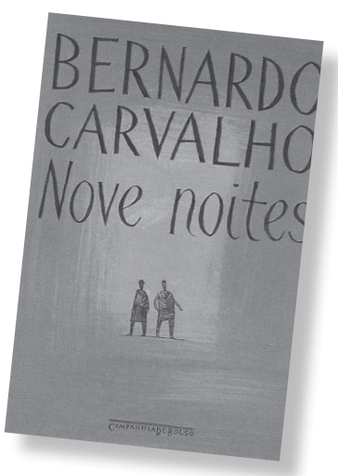
Ainda sobre a distinção entre a biografia como tal e a ficção propriamente dita, arrematava: "Já na biografia [...] o elemento factual, a realidade, a verdade, qualquer nome que se dê à intenção inalienável de representar fielmente os fatos do mundo concreto é de fato o seu eixo regulador absoluto. Na biografia, autor e narrador coincidem ao estabelecer o elemento factual como o centro do texto".

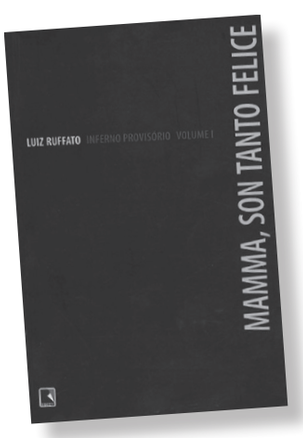
O recurso é exemplificado em *O filho eterno*: o personagem do pai de um menino que nasce com Síndrome de Down (experiência de uma vida inteira do próprio Tezza) jamais é nomeado — deixa de ser Cristovão para aparecer apenas como "ele". Por outro lado, vários outros detalhes — como os títulos dos livros que esse personagem escreve e publica ao longo da narrativa ficcional, curiosamente os mesmos *Trapo* ou *Juliano Pavollini* escritos e publicados por Cristovão Tezza — coincidem com a, vamos dizer, vida real. Em outras palavras, ou melhor, nas palavras do autor, outra vez transmutado no ensaísta do livro que lançará em breve: "O elemento factual, ao entrar na moldura da ficção, perde o seu estatuto de realidade, a sua âncora diferencial, e passa a pertencer à família dos elementos ficcionais com exatamente o mesmo *status;* a cidade verdadeira e a cidade imaginária que por acaso apareçam num capítulo são ambas cidades ficcionais para os fins da representação romanesca do mundo."

Resultado: quem por acaso tentou alguma vez, usando o restante da obra de Tezza como guia, seguir os passos de seus personagens pelas ruas da Curitiba ali descrita, certamente se perdeu.

Contemporâneos

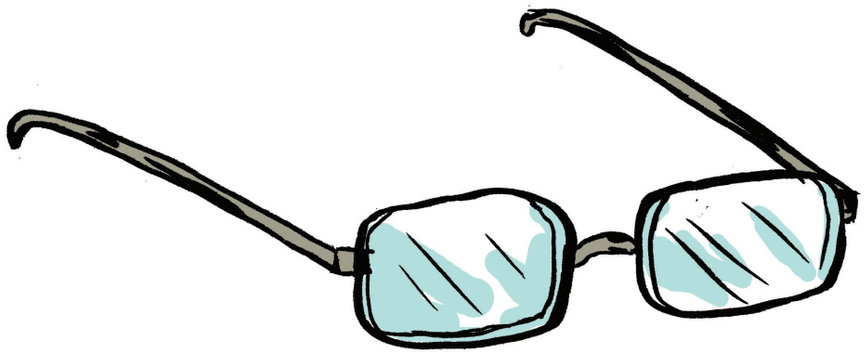
A questão é saber se, assim como no conjunto da obra de Tezza, esse procedimento de injetar fatos, digamos,





Bernando Carvalo, autor de Nove noites.

Carlos Heitor Cony, autor de Quase-memória.



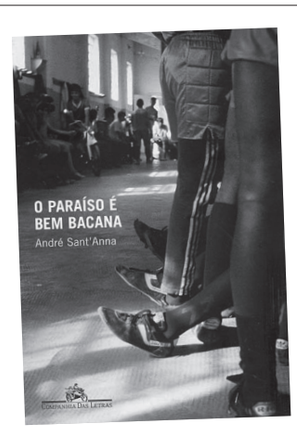
"comprováveis", ou mesmo a própria história de vida, nos enredos de ficção, não passa de uma exceção ditada pelas circunstâncias — como passar uma vida escrevendo sem abordar o nascimento e a criação de um filho tão diferente, especial? — ou se, conforme nos perguntávamos antes, essa é uma tendência entre os escritores atuais.

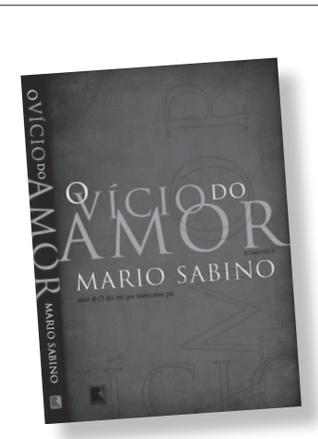
Prossigamos, pois, nossa investigação, ainda na literatura brasileira, com dois contemporâneos da mesma estatura do autor de *O filho eterno* — mas que, à primeira vista, praticam o romance com filosofias diametralmente opostas.

O carioca Bernardo Carvalho é talvez, dentre seus pares atualmente em atividade, um dos mais bem-sucedidos em tramar com o fato e a ficção, especialmente em livros como *Nove noites* e *Mongólia*. Sobre o primeiro — mas o comentário parece valer para quase toda a obra mais recente de Carvalho –, a professora Celiza Soares, na coletânea de ensaios *Alguma prosa*, afirma construir-se "num estilo que oscila entre o policial e o antropológico", referindo-se ao enredo intrigante em torno do suicídio — documentado como real — de um antropólogo americano entre os índios brasileiros, nos anos 1930. A narrativa se desenrola a partir da investigação obsessiva do fato, nos dias atuais, por um narrador desconcertantemente parecido com o próprio autor. (Carvalho declarou ter se obrigado a inventar um protagonista com o qual jamais poderia ser confundido — o descendente de japoneses de *O sol se põe em São Paulo* — para que parassem de lhe perguntar sobre marcas autobiográficas ou "fatos reais" em seus livros. Mas sua pegada romanesca, exacerbadamente realista, ainda assim não mudou.)

Tome-se agora o que diz outro dos ensaios da coletânea *Alguma prosa*, de autoria de Stefania Chiarelli a respeito das obras de Milton Hatoum: "Para muitos dos personagens do escritor amazonense, os livros propiciam um lar permanente, em contraponto aos deslocamentos físicos, psíquicos e culturais. A viagem-leitura, dessa maneira, evidencia de forma nítida as vivências desses indivíduos desterritorializados, marcados pelo trânsito entre culturas e idiomas".

Hatoum cria, em seus livros, um universo singular em que, sem nunca parecer exótico ou regionalista, conta e reconta a história — quase uma fábula do Oriente — dos imigrantes libaneses (de quem de fato





CAPA | LITERATURA CONFESSIONAL

descende) na metrópole amazônica, Manaus. Como pano de fundo, em romances como *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, o regime militar.

Em crônica recente no jornal *O Estado de S. Paulo*, o escritor revela como, na juventude, terminou por abandonar as sessões de análise — afinal, outro método de autobiografia: "Busquei refúgio na leitura de ficção e poesia, e assim tentava espantar fantasmas e neuroses". A formulação é, repare-se, curiosamente parecida com a do ensaio crítico sobre sua obra citado há pouco. E prossegue ele: "Poucos anos depois, longe do Brasil e de seus generais, censores e torturadores, comecei a escrever meu primeiro romance e descobri um modo de ser menos infeliz, de mitigar o sofrimento e evitar o abismo da depressão. [...] tentei preencher as lacunas de silêncio com a linguagem escrita, essa autoanálise compulsiva, prazerosa e fantasiosa, *que alguns chamam ficção*" (o grifo é do autor deste texto). Deixa-nos, parece que de propósito, com a dúvida: mas o quanto é, de fato, ficção?

Origens do romance

A pergunta, claro, se coloca geração após geração — para ficar ainda nos brasileiros. Será coincidência que o personagem Pedro, de *Passageiro do fim do dia*, o premiadíssimo romance de Rubens Figueiredo, conte sua história durante um longo percurso no precário transporte público do Rio, do qual o autor (e professor na periferia da cidade) é ou foi assíduo usuário? O que significa que a menina que parte para os Estados Unidos em busca do pai, em *Azul-corvo*, romance mais recente de Adriana Lisboa, se demore em descrições cinestésicas das paisagens espaçosas do Colorado, onde a autora está radicada há alguns anos? Por que Luiz Ruffato, na série de romances sobre o proletariado brasileiro que intitulou

Daniel Galera, autor do romance *Cordilheira*.

A obra de Jonathan Safran Foer tem forte teor autobiográfico.

Inferno provisório, se dedica a retratar sua Cataguases natal?

E até mesmo a mais nova literatura brasileira — surgida neste pouco mais de uma década do atual milênio — poderia ser questionada a respeito: André Sant'Anna delirou numa UTI logo antes de compor, em *O paraíso é bem bacana*, os fluxos de consciência de um jogador de futebol brasileiro, Mané, que vira terrorista na Alemanha e está à beira da morte num hospital; Michel Laub, torcedor declarado do Grêmio de Porto Alegre, lembra bem daquele Grenal (real) durante o qual os irmãos protagonistas de *O segundo tempo* têm de se a ver com a separação dos pais; e Daniel Galera, em *Mãos de cavalo*, não economiza referências à própria adolescência — ou seria apenas uma adolescência típica de quem cresceu no final dos anos 1980, início dos 1990, a do personagem Hermano?

Mas, aqui, como em Milton Hatoum ou até em Bernardo Carvalho, as semelhanças entre autores e narradores são sutis — e provavelmente passam despercebidas de uma maioria de leitores que, mais interessada (ainda bem) na história que está lendo, não se dará ao trabalho de perscrutar a biografia dos escritores em busca de uma suposta gênese autobiográfica das obras.

Um caso diferente é quando o nome de um personagem — não raro o protagonista, nesses casos — é o mesmo do autor. Aí só mesmo o leitor muito distraído, ou aquele tão voraz que nem se deu ao trabalho de passar os olhos pela capa antes de ir à primeira página, deixará de ficar intrigado com a coincidência: afinal, esse cara da história é o mesmo que assina a obra e cuja foto aparece aqui, na orelha do livro?

Ainda nos anos 1980, o romance que catapultou um então quase adolescente Marcelo Rubens Paiva à fama como escritor, *Feliz ano velho*, contava a história de certo Marcelo, jovem universitário que, num passeio com amigos, mergulha numa cachoeira para dali sair paraplégico. No mesmo tipo de confusão pode acabar o leitor de *Quase-memória* (título, aliás, bastante elucidativo, ao qual o autor acrescentou um confesso "quase-romance" como subtítulo), em que Carlos Heitor Cony, com nome próprio, recupera em instantâneos — feito tecesse um painel de belas crônicas — a relação com o pai, também designado pelo nome que teve na vida real, Ernesto. É um romance, digamos, refundador da literatura brasileira, já nos anos 1990 e por um autor veterano — que, além disso, dá mais uma volta ao parafuso da autobiografia na ficção.

E até no recentíssimo *O vício do amor*, de Mario Sabino, encontra-se um narrador que se fantasia com o nome do autor — embora, farsesco em vez do lírico Cony de *Quase-memória*, em seguida desdiga o que acabara de afirmar, inventando-se outros nomes. (Mas uma foto de Mario Sabino na orelha, debaixo de um arco romano que é parte importante do cenário ficcional, torna a provocar o leitor.) O expediente, nesse mesmo registro de farsa, também já foi usado por Marcelo Mirisola, por exemplo.

É possível recorrer às origens do romance para, enfim, elucidar a questão: nesse que é o mais nobre dos gêneros literários deve funcionar o princípio da identificação com um igual, mas na forma do seguinte paradoxo: embora a literatura moderna se ocupe de personagens individualizados, muito bem caracterizados, com consciências e percursos intransferíveis, a experiência de qualquer indivíduo real, por outro lado, de nada lhe serve — daí o fato de a simples confissão quase sempre redundar em má ficção. O grande personagem de romance é aquele que, em sua trajetória única, vive as experiências de todos e de nenhum de nós ao mesmo tempo.

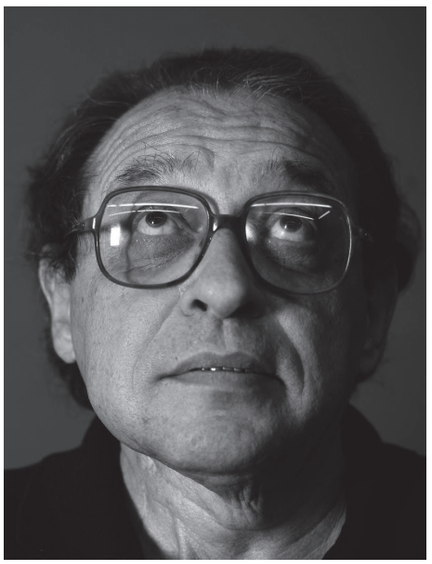
Ao trabalhar no limite da associação entre o que conta o narrador/personagem e a própria biografia é que, de novo paradoxalmente, alguns escritores se mostram mais ficcionistas que outros. ■

Christian Schwartz é jornalista, professor universitário e tradutor. Já traduziu obras de Philip Roth, Sam Shepard e Lou Reed. Vive em Curitiba (PR).

DE ONDE VEM A FICÇÃO?

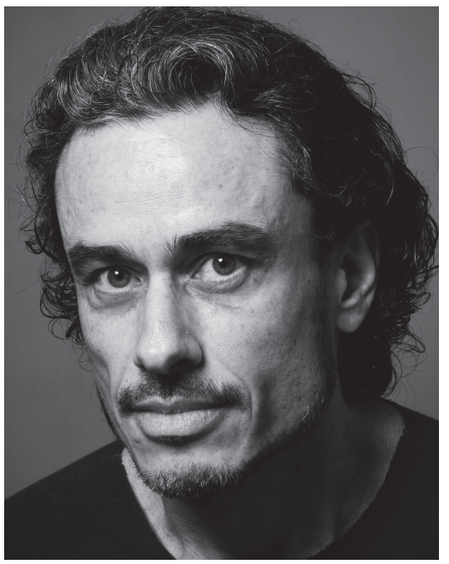
DA REDAÇÃO

Tão antiga quanto a própria ficção, a origem da literatura, como criação do homem, é uma questão que intriga leitores e escritores. Há diversas teses acadêmicas sobre o tema, mas nenhuma explicação satisfatória surgiu até hoje. Afinal, como surge este gênero que finge ser realidade e engana o leitor com a ilusão de vidas e mundos inexistentes? Roberto González Echevarría – um cubano naturalizado americano que trabalha no Departamento de Literatura da Universidade de Yale – tentou responder a essa pergunta em um livro chamado *Mito y archivo*: *Una teoría de la narrativa latinoamericana*. O livro foi lançado em 1990, já tem cinco edições e se transformou numa referência indispensável sobre a origem do romance latinoamericano. Echevarría não tem a resposta para a indagação bizantina mas, ao longo do texto, o escritor especula a respeito de onde vem a ficção. Aparado no conceito de "formação discursiva", proposto pelo filósofo Michel Foucault, o autor parte do pressuposto fundamental de que o discurso cria a realidade, e não o contrário. Teoria que, para muitos, é bastante controversa. O ensaísta Carlos Granés, em recente artigo publicado no suplemento literário *Sabático*, d'*O Estado de S. Paulo*, critica a ideia, defendida em *Mito y Archivo*, de que há sempre um discurso hegemônico a determinar o presente literário. "O colombiano Juan Gabriel Vázquez, nascido em 1973 e último autor a receber o prêmio Alfaguara, mostra que, num dado momento, apesar da existência de modas ou correntes literárias dominantes, o elemento mais importante dos processos de criação artística é o indivíduo e suas perguntas, obsessões e dilemas", escreve Granés. Ou seja, para o autor, "o criador não é aquele que reproduz o discurso dominante nem aquele que se deixa apressar pelos paradigmas da moda; o criador original é aquele que segue a própria voz, que atende aos próprios interesses, às suas experiências de vida e aos problemas com os quais se depara durante a vida." ■

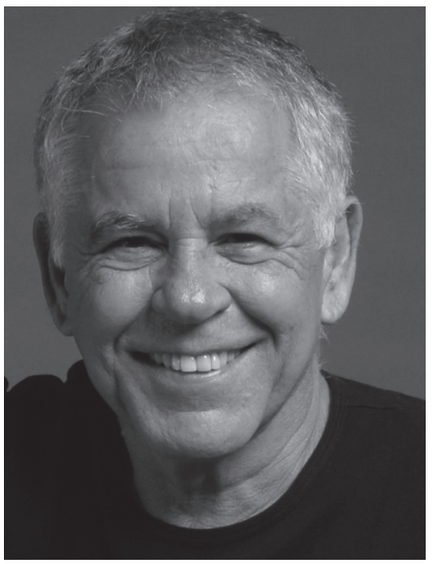


Ruy Castro, autor de biografias clássicas sobre Garrincha e Nelson Rodrigues.

Lira Neto lança em maio o primeiro volume da biografia de Getúlio Vargas.



Guilherme Fiuza: autor escreveu a biografia do humorista Bussunda.



Nelson Motta lançou livros sobre Tim Maia e Glauber Rocha.

Febre biográfica

DANIEL ZANELLA

Em 2008, a escritora Kathryn Hughes escreveu artigo no jornal inglês *The Guardian* decretando a "morte da biografia". Hughes fala sobre o mercado editorial de língua inglesa e certamente não conhece o cenário brasileiro. Por aqui vivemos uma espécie de "febre biográfica", expressão cunhada pelo historiador François Dosse, autor do seminal *O desafio biográfico*, para explicar o fenômeno que toma conta das livrarias e listas de mais vendidos.

Nos últimos vinte anos, as chamadas narrativas reais — termo usado para designar biografias, perfis e livros-reportagem — ganharam espaço em nosso mercado editorial. Desde então, o leitor brasileiro tem ao alcance das mãos uma gama enorme de livros sobre personagens das mais variadas áreas, da política às artes.

Além de nomes consagrados como Ruy Castro e Fernando Morais, outros autores nacionais, como Nelson Motta e Lira Neto, têm produzido boas biografias. O mesmo acontece com os livros-reportagem. Além das obras escritas por Caco Barcellos (*Abusado* e *Rota 66*), *best-sellers* como *1808*, de Laurentino Gomes, e *Meu nome não é Johnny*, do jornalista Guilherme Fiuza, ganham cada vez mais espaço em nossas prateleiras, entrando com facilidade nas listas de mais vendidos. Aos veteranos, juntam-se jovens jornalistas que investem no livro-reportagem, como Vanessa Bárbara, que ganhou o Prêmio Jabuti 2009 com *O livro amarelo do terminal*, uma extensa reportagem sobre o Terminal Tietê, em São Paulo.

Historicamente, nossas biografias sempre seguiram o padrão clássico imposto pela escola anglo-saxã, mas nos últimos anos tem se verificado uma forte influência do chamado jornalismo literário americano no gênero.

Fernando Morais, autor de sucessos editoriais, como *Olga* e *Chatô — o rei do Brasil*, não se sente muito à vontade com a expressão "jornalismo literário", mas considera que todos os seus livros são, sim, grandes reportagens escritas com precisão literária.

"Se há algo de que me orgulho, é que todos os meus livros poderiam ser publicados em jornais ou revistas, de modo seriado", diz Morais, que recentemente lançou *Os últimos soldados da Guerra Fria*, sobre um grupo de agentes cubanos infiltrados em organizações de extrema direita nos Estados Unidos. O livro saiu mais de três décadas após Morais ter escrito *A ilha*, uma grande reportagem sobre Cuba que também se tornou um *best-seller*.

O sucesso do gênero, embasado na pesquisa jornalística e no recorte mais profundo da realidade, de certa forma indica uma tendência do leitor brasileiro por histórias ligadas diretamente ao "real".

Ruy Castro é outra referência no gênero. Apaixonado pelo Rio de Janeiro e seus personagens, o jornalista escreveu biografias sobre Nelson Rodrigues (*O nnjo pornográfico*), Carmen Miranda (*Carmen*) e Garrincha (*Estrela solitária*). Sozinho, o livro *Estrela solitária,* segundo a editora Companhia das Letras, passou a casa dos 80 mil exemplares vendidos.

Música

A música é outro tema que se tornou um filão rentável no mercado de biografias. Artistas e obras foram resgatados por pesquisadores e escritores, ajudando a contar a história de nosso cancioneiro. Só a Editora 34, em sua coleção "Ouvido Musical", publicou mais de 25 títulos sobre artístas como Luíz Gonzaga e Jackson do Pandeiro.

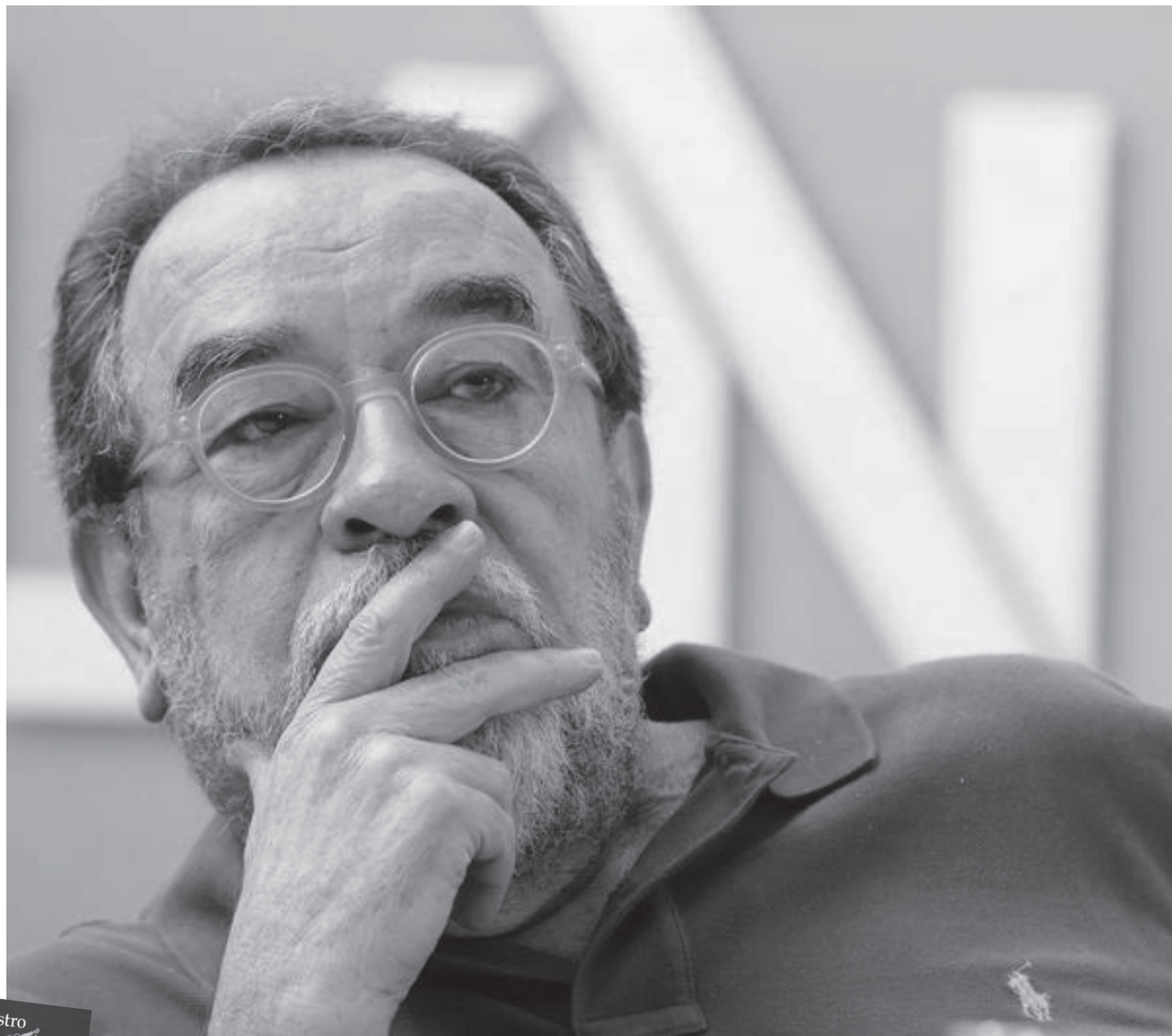
Ícones da MPB, como Maysa, Wilson Simonal, Chico Buarque e Caetano Veloso, também foram alvo de biografias. Um nicho que tem se mostrado rentável. Só *Vale tudo – O som e a fúria de Tim Maia*, escrita por Nelson

Motta em 2007, vendeu mais de 130 mil exemplares.

Da temporada de lançamentos, um dos estudos biográficos mais aguardados de 2012 é a trilogia sobre Getúlio Vargas, prevista para ser lançada em maio pela Companhia das Letras, redigida pelo jornalista e escritor Lira Neto, retrato que promete trazer um Getúlio polifônico e controverso.

A contratação de escritores consagrados para escrever sobre a trajetória de políticos e empresários tem sido outra prática recorrente no mercado de biografias. O escritor Ignácio de Loyola Brandão já escreve vários livros institucionais, entre eles a biografia de Olavo Setubal, fundador do Banco Itaú, e um perfil sobre a ex-primeira-dama Ruth Cardoso.

Sérgio Vilas-Boas, um dos maiores teóricos do gênero, lançou recentemente *Doutor desafio,* trajetória do empreendedor Luiz Alberto Garcia, biografia com pegada de perfil, encomendada pelo Centro de Memória Algar, ligado ao empresário. ■



Fernando Morais, autor de *Olga* e *Os últimos soldados da Guerra Fria.*

PERFIL DO LEITOR | **ADRIANA VIEIRA**

Fotos: Javã Társis

A literatura é uma viagem

Para Adriana Vieira, a leitura é um percurso afetivo que a remete a uma vida marcada por viagens e cidades

DANIEL ZANELLA

Adriana Vieira é formada em Fisioterapia, administra uma cafeteria e ler *Os miseráveis*, de Victor Hugo, é um de seus objetivos mais urgentes. "Todo mundo me recomenda, mas ainda não consegui começar a leitura." Adriana não tem uma memória afetiva de seu primeiro contato com os livros, mas lembra que, na infância, não desgrudava de gibis. "Depois, na faculdade, passei a ler muitos livros técnicos, indo, aos poucos, expandindo meu contato com o texto", comenta.

Nascida em Londrina, desde 2007 Adriana é proprietária do CantataCafé, no centro de Curitiba. O nome foi inspirado em uma composição de Johann Sebastian Bach e o local acabou virando ponto de encontro de escritores e intelectuais. Adriana morou em Wenceslau Braz, Astorga, Santa Helena, Medianeira, Rio de Janeiro e Paris até resolver fincar pé em Curitiba, em 2006. Tem uma relação peculiar com a cidade. A adaptação à capital paranaense foi um processo lento. "Demorei para me ambientar, entender a dinâmica das relações sociais, a forma de distribuição de afeto do curitibano." Mas hoje já pensa diferente, chegando até a encarar bares em dias chuvosos, comportamento considerado por ela um sinônimo de "curitibanidade". "Estou aprendendo a viver aqui, não sou mais tão estrangeira."

Depois que deixou a profissão de fisioterapeuta, a literatura entrou em sua vida de modo mais incisivo. Por indicação de amigos e escritores, muitos deles frequentadores de sua cafeteria, intensificou a leitura e passou a conhecer novas obras e autores. Gostou muito de *Sidarta*, do escritor alemão Herman Hesse, ganhador do Prêmio Nobel de 1946. Também se encantou com *Muito além do nosso eu*, último livro do neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis e, agora, está lendo O*s devaneios do caminhante solitário*, do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, história que, por sinal, se passa em Paris. "Sou fascinada pela França, leio um pouco em francês e procuro coisas que relembrem, de alguma forma, minha passagem por lá. Dia desses, inclusive, vi *Meia noite em Paris*, do Woody Allen. Achei maravilhoso."

Apaixonada por vinhos, Adriana também é fã de artes plásticas e tem grande admiração por artistas como Claude Monet, Claude Cézanne, Edouard Manet e Edgar Degas, "apesar de não conhecer muito a história deles". Adriana sempre teve fascínio por biografias, sendo que *Olga*, de Fernando Morais, faz parte de sua biblioteca afetiva. "Tenho um afeto único por essa biografia porque foi a única vez que chorei ao ler um livro. O filme... Bem, o filme é bom, mas falta muita coisa ali. Eu tenho outro filme na cabeça, bem melhor." Talvez por isso, Adriana nunca fez o caminho inverso: ler um livro por conta de sua adaptação para o cinema. Adriana acredita no caráter documental das biografias em que, segundo ela, pode-se aprender sobre os mais variados assuntos.

Para 2012, Adriana impôs uma meta à sua vida de leitora: ler pelo menos um livro por mês. Admite, porém, que a rotina de comerciante afunila o tempo dispensado à leitura. "É ótimo trabalhar com comércio, acabo conhecendo muita gente boa, interessante, escritores, músicos... Só que tem a parte burocrática, o dia a dia do negócio... Se eu quero ler — e as cafeterias são muito apropriadas pra isso —, não pode ser no meu café. Senão a leitura não anda e não consigo entrar no livro", diz, levantando-se da mesa para atender um cliente no caixa.

Das inúmeras histórias com clientes, lembra de um assíduo frequentador do café que a levou até a livraria para lhe presentear com um livro. Título escolhido — uma coletânea de poemas em espanhol de Federico García Lorca —, o simpático senhor fez uma caprichada dedicatória, se despediu e desejou uma boa leitura. O inusitado: despediu-se sem pagar o livro, problema que coube à presenteada. "Acabei me dando o livro", relembra. No dia seguinte, Adriana acabou viajando e o senhor, apercebido de seu ato falho, foi até o café para desfazer o mal entendido. Chegou a fazer uma ligação internacional para pedir desculpas, além de comprar um outro livro.

De uns tempos pra cá, Adriana tem observado mais a rotina dos escritores que frequentam sua cafeteria. "Parece que vejo a construção dos personagens." Para ela, escritores são pessoas muito detalhistas, com um tipo específico de tristeza, que veem a vida em câmera lenta. "É até um pouco assustador no início..."

Adriana arrisca algumas anotações, entre a crônica e o diário, que escreve em um pequeno caderno recheado de grifos. Nunca ninguém leu o que está ali, embora, depois que conheceu alguns escritores, tem feito leituras mais críticas daquilo que escreve. "Tenho uma espécie de diário, minhas impressões sobre determinados acontecimentos. É um tipo de terapia, uma relação minha com a escrita. Exponho para fora de mim, mas não ao outro." ■

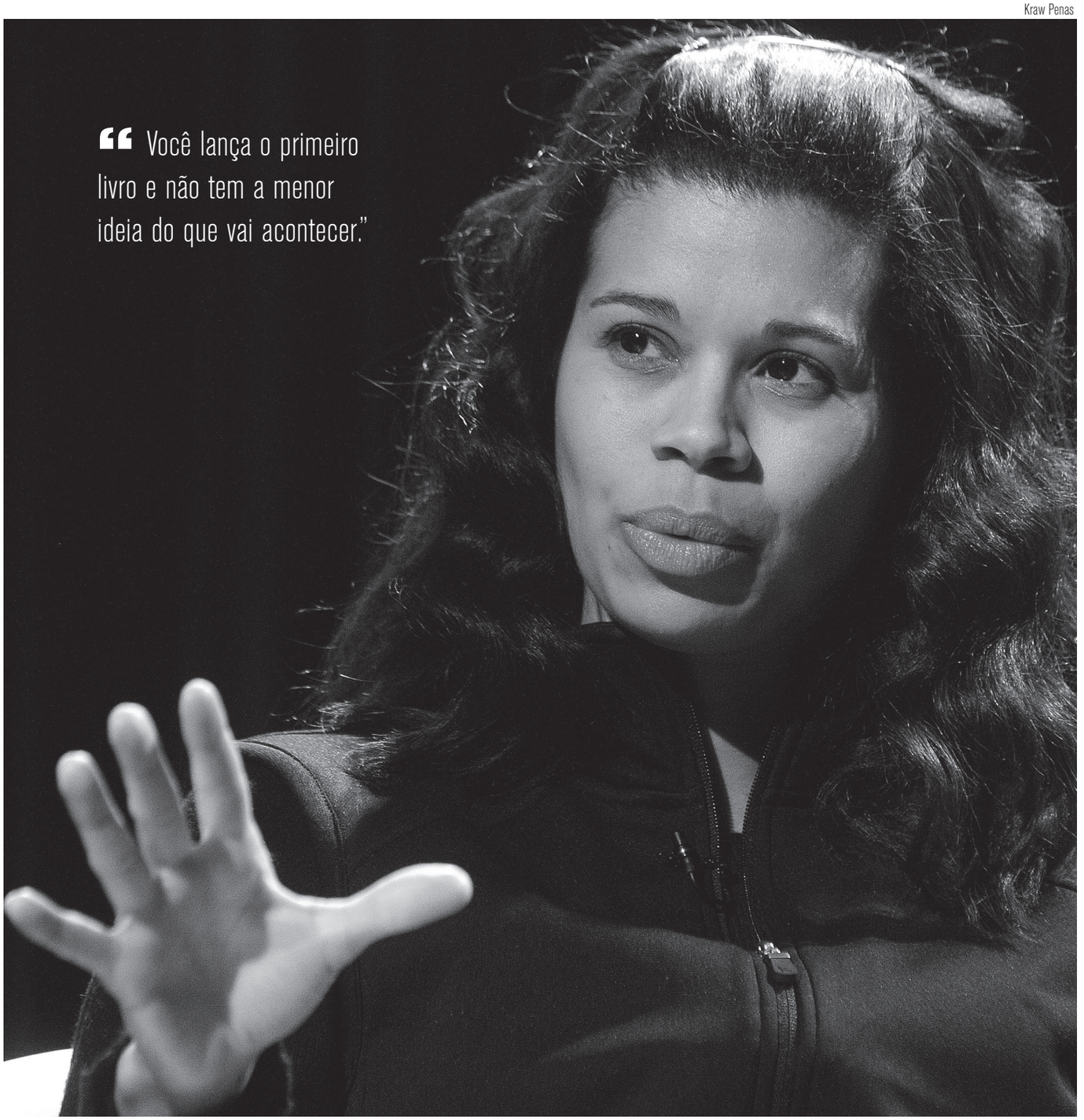
ENTREVISTA| ANA PAULA MAIA

“A literatura é um encontro muito particular”

Em um papo sobre bibliotecas e leitura, Ana Paula Maia fala sobre sua difícil relação com a literatura na adolescência e as influências seminais que ainda permeiam sua obra

GUILHERME MAGALHÃES

Kraw Penas



Durante cinco anos, ao longo de sua adolescência, a escritora carioca Ana Paula Maia ficou completamente afastada do mundo da literatura. Segundo ela, não houve livro que pudesse contra a efervescência dos hormônios da juventude e de sua banda de *punk rock*. Mas, paradoxalmente, foi o universo adolescente, “mediano” e chato, segundo a autora, que acabou por empurrá-la novamente para os livros. “Chegou uma hora que aquele plano adolescente não cabia mais, estava faltando algo. Esse algo eu encontrei nos livros, porque estava sedenta”, conta a autora.

Filha de professora, Ana Paula teve uma infância relativamente próxima dos livros em sua casa. A escola, porém, não ajudou na construção de um hábito literário, tão caro à autora nos dias de hoje. “Na escola eu não gostava de ler, lia por obrigação”, lembra. A escritora carioca não tem uma reposta para a já desgastada pergunta sobre como atrair o jovem para a leitura, porém, sabe que a iniciati-

> “Fui ler os clássicos e eles me alimentavam, falavam comigo.”

va precisa partir de dentro pra fora, e não o contrário. “A literatura é um encontro muito particular. É difícil falar para um jovem que é importante ler o livro tal se ele não tem dentro dele uma necessidade de buscar algo a mais.”

Como foi o seu primeiro contato com os livros? Como a biblioteca surgiu na vida da futura escritora Ana Paula Maia?
Quando eu tinha sete, oito anos, minha mãe me dava muitos livros de histórias infantis. Não muitos, mas ela comprava algumas coleções. Por ser professora, tinha muitos livros na faixa etária de quinta, sexta série. Na minha infância, não lia Monteiro Lobato, mas sim Branca de Neve, essas histórias de princesas que acompanhavam uns disquinhos de música. Porque eu gostava muito mais de ouvir e ver as figuras do que de ler. Relia muito, e como são livros pequenos, você lê rapidamente. Então meu contato com a literatura se deu mais na infância, até os doze, treze anos. Na adolescência não tive mais contato com livro nenhum. Não dava: hormônio adolescente não deixa você parar pra ler nada. Foi só a partir dos 18 anos que eu voltei a ler, aí com uma grande intensidade. Mas na escola eu não gostava de ler, lia por obrigação.

Hoje em dia se discute muito como atrair os jovens para a leitura. Você conta que na sua infância, o visual, as figuras, foram muito importantes, faziam parte daquela atração literária que vai além do texto escrito. E você se relaciona muito bem com a internet, tem um *blog*, posta vídeos no Facebook regularmente. Com os hormônios distraindo nossos adolescentes, como você colocou, pode-se dizer que essas multilinguagens são um caminho para atrair o adolescente? No seu caso, por exemplo, teria funcionado?
Não sei, porque acho que a literatura é um encontro muito particular. É difícil falar para um jovem que é importante ler o livro tal se ele não tem dentro dele uma necessidade de buscar algo a mais. Eu comecei a me tornar uma leitora aos 18 anos porque sentia necessidade de alguma coisa que preenchesse minha vida. Aquele plano mediano da vida cotidiana não me dava o que eu precisava. Os meus amigos não me davam, as músicas que eu ouvia também não davam. Eu tinha uma banda de *punk rock* na adolescência, mas aos 18 anos eu a larguei. Chegou uma hora que aquele plano adolescente não cabia mais, estava faltando algo. Esse algo eu encontrei nos livros, porque estava sedenta. Lembro que comecei lendo filosofia, porque gostava muito de tese, ensaio. Só fui chegar aos romances, na ficção, na prosa, uns três anos depois. Era uma busca muito particular. Então, como atrair o jovem pra leitura? Nunca gostei de nada focado no universo adolescente, porque já estava entediadíssima com aquele universo. A última coisa que eu queria na minha vida era o universo adolescente, porque eu já vivia nele e já estava entediada com ele. Mas de que tipo de jovem a gente está falando? A maioria vai ser sempre mediana, desinteressada em ler ou preso a uma literatura muito mediana. Acho que existem saltos e epifanias na vida de determinadas pessoas que as levam a se interessar por certas manifestações artísticas. Porque não é só o texto literário, é todo esse entorno de cinema, teatro, arte. O que atrai o olhar dele, o que ele escuta, o que ele assiste. A literatura é mais um elemento agregado aos valores pessoais dessa pessoa, seja jovem ou não.

> “Existem epifanias pelo caminho que acontecem com um ou outro, não vai acontecer com todos.”

E alguma outra dessas manifestações artísticas te fisgaram?
Eu já acompanhava os clássicos do cinema, e assistia ao bom cinema. Era evidente que eu não ia sair desse grande cinema para cair numa literatura medíocre depois, seria desequilibrado. Fui ler os grandes autores, os clássicos, durante um bom tempo. Aquilo me alimentava e falava comigo. Acho que construir isso no jovem é muito difícil. Existem epifanias pelo caminho que acontecem com um ou outro, não vai acontecer com todos. Mas é interessante dar um subsídio para a leitura, através da internet, das bibliotecas. Acho que querer da massa mais do que isso, você não consegue. Você consegue levar os jovens a se interessar um pouco mais e a serem um pouco menos medianos. Isso vai partir também de dentro dele.

O escritor está fadado a buscar na leitura o alimento para produzir sua própria literatura? As leituras que você faz estão em sintonia com o seu estilo de escrita?
Não necessariamente. Geralmente, quando estou escrevendo um livro, leio algo bem diferente. Um autor de que gosto muito é o John Fante. Eu não tenho absolutamente nada a ver com a literatura dele e, no entanto, é um autor que gosto muito de ler. Coisas diferentes do que estou escrevendo me equilibram. Se eu tiver que ler algum autor para levar pra minha literatura, leio primeiro, dou um tempo, e daí vou escrever. Começo a ler paralelamente algum livro que não tenha nada a ver. Porque é muito fácil você começar e, dali a pouco, querer tentar fazer igual ao outro. Somos muito influenciáveis. Tenho medo disso, então procuro me libertar dos livros que leio. Se acho que ele falou muito comigo, me distancio, não pego nele por um bom tempo, vou ler outra coisa.

Você também é fã do J. D. Salinger. É possível dizer que o escritor americano fez essa ponte da Ana Paula Maia leitora para a Ana Paula Maia autora?
Acho que sim, me ajudou muito porque trouxe muita coisa da minha própria adolescência. Então tinha alguma coisa não só minha, mas das vivências, das lembranças que eu tinha de pessoas que me cercavam, trouxe essa experiência da leitura. Aquilo abriu a minha cabeça pra escrever e o meu primeiro livro fluiu muito rápido, escrevi em dois meses e meio, que era o tempo que eu tinha de férias na faculdade. Mas, apesar de eu sentir que passei pro outro lado do balcão, quando você lança o primeiro livro não tem a menor ideia do que vai acontecer, nem se você vai conseguir escrever outro ou se aquilo ali é só uma besteira. Você não sabe no que vai dar. Mas você escreve e sente pelo menos um conforto, um alívio.

Outra questão pontual em sua literatura é em relação à voz masculina, presente em seu mais recente livro, *Carvão animal*. De que forma você trabalha isso, sendo mulher e se utilizando de um narrador masculino?
Eu não sei se é pelas minhas referências de leitura, o mundo é muito construído pelos homens. Você tem as artes mesmo sendo produzidas pelos homens. Certamente só isso não faz efeito, porque quantas autoras consumiram literatura, cinema e teatro produzidos por homens e não absorveram da mesma forma? Então é aquilo que eu falo, algo muito particular em mim, que tem essa empatia e gosta desse universo, e que tem um interesse de escrever sobre o universo feminino, mas não numa condição feminina, mas sim numa condição masculina. Como seria estar ali? Isso pra mim flui com muita facilidade, tenho uma dificuldade imensa em escrever na primeira pessoa feminina, ou realmente, até de sentar pra escrever sobre o universo feminino. Essas particularidades femininas, pra mim, são coisas complicadas. ■

CONTO

CURITIBA S/A

RUI WERNECK **DE CAPISTRANO**

Não era apenas uma noite. Era a noite. Gelada. Limpa. Cortando como uma noite de Cabíria, com vagas estrelas da Ursa maior. Uma noite curitibana. Perfeita para casa, recolhimento e cama.

Só um programa descoberto por acaso no cine-extra, como *Ladrões de bicicleta*, poderia tirá-lo do aconchego. Um só pecado. E isso só porque algumas imagens desgarram-se da celulóide e foram remontadas na moviola da memória: discussões intermináveis sobre a importância do neo-realismo italiano, o rastro de miséria deixado pela Grande Guerra, o sofrimento do povo italiano, aqueles, sim, eram tempos difíceis, o roubo como forma única de sobrevivência, a *nouvelle vague* francesa, o caleidoscópio felliniano, a incomunicabilidade dos longos planos do Antonioni, a moça com a valise, a emoção vazada nos olhos do menino Bruno, a história, em *off*, de que teriam colocado cigarros no bolso dele para fazê-lo chorar em cena, a perambulação pelas ruas vazias de Curitiba, tomando sereno e fogo paulista, o último pernil com verde no Cachorro Quente. Tempos duros. Felizmente eclipsados.

Mais de vinte anos esta noite. E só por isso ele se dispôs a sair de casa. E ir ao cinema.

O coração dava marcha à ré enquanto ele acelerava o carro. Cine Riviera, antigo Santa Maria. Ele e os amigos boas-vidas. Ele, o demônio das onze horas. Dos anos 60. *Advogado... peguei-o!* Era mais do que um ano passado em Marienbad.

No cinema, à meia-luz — ou seria apenas seu coração que se negava a enxergar a realidade? —, a saudação muda a todos os velhos conhecidos. *Ciao, caros!* Atrás da tela, só faltavam *A place in the sun* e o gongo soando. Um desfile de casacos e capotes. E, de repente, nos olhos do menino Bruno passa todo o filme da sua vida. Planos falhos, tomadas inconclusas, cortes doloridos, roteiro em transe.

Ele só foi despertado na saída. Uma bomba sobre Hiroshima, seu velho amor! Haviam roubado o carro dele na porta do cinema.

Rui Werneck de Capistrano é publicitário e escritor. Autor dos livros *Máquina de escrever* (1988) e *Nem bobo nem nada* (2009). Vive em Curitiba (PR).

RETRATO DE UM ARTISTA

Samuel Casal nasceu em 1974 e é ilustrador profissional desde 1990. Ilustrador freelancer, quadrinhista e gravurista, colabora com publicações nacionais e internacionais. Vive em Florianópilis (SC).

POESIA Mariana Ianelli

Ilustração: Fellipe Canalli

TIGRES BRANCOS

Podemos ser pródigos
Verdadeiramente pródigos
E não voltar às mesmas velhas histórias
Não recontá-las tantas vezes
Até que se tornem
As fábulas do medo,
Do desejo e da revolta
Em que se gastam mais uma vez
O nosso tempo e a nossa sorte

Podemos ser aqueles
Que nunca mais retornam,
Os que merecem desta vez
O tempo presente –
A página imaculada –
Esse halo de majestade
Dos tigres à beira da extinção,
Sem rasto de vidas pregressas
E sem um fio de esperança.

Mariana Ianelli é poeta e autora de, entre outros, *Fazer silêncio* (2005), obra finalista do prêmio Jabuti 2006. Seu mais recente livro é *Treva alvorada* (2011). Vive em São Paulo (SP).